z.Hd.Dr.Fouquet
r.B.de Itap.120/4./s.416

Einzelpreis 500 Reis

Deutscher Morgen

Herausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentlich

Folge 49 | São Paulo, 8. Dezember 1939 | 8. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10$000, ganzjährig 20$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

Declarará a Inglaterra a guerra á U.R.S.S.?

Uma situação embaraçosa: Lava-me o pello, não me molhes porém!

Ainda não se sabe hoje, quaes são propriamente as razões da contenda russo-finlandeza. Não se podia mesmo, de modo algum, lobrigar, aqui das Americas, o jogo diplomatico por trás dos hastidores, o qual precedeu o troar dos canhões. O que é claro é que no Novo Mundo impera outra politica moral que na Europa. Aqui a fraternidade e a humanidade estão em casa. Aqui, na patria classica das conferencias, resolvem-se os problemas, mesmo os mais difficeis, com bondosa indulgencia e com a mais amavel das attenções. Se, por exemplo, os poderosos Estados Unidos da America do Norte subjugassem, pela força das armas, uma pequena Republica na America Central ou na America do Sul, ou se a reduzissem á humilhante posição de um objecto de exploração economica — actos esses, aliás, que nem mesmo se coadunariam com a attitude moral dos Estados Unidos — todas as demais Republicas americanas cerrariam fileiras contra o grande irmão lá do norte e o remetteriam aos trilhos da boa moral e da decencia. E' assim que o Novo Mundo soluciona questões palpitantes do dia. E' sob esta luz e nenhuma outra que elle se apresenta ao Velho Mundo. Póde, por conseguinte, manifestar, com satisfação intima, sua indignação com as occorrencias européas e enviar para o outro lado do Oceano seus protestos contra o procedimento das potencias belligerantes Inglaterra, França, Allemanha e Russia.

Entretanto, a rigorosa neutralidade do Continente americano não permitte uma transgressão da expressão da indignação moral e u'a manifestação de sympathia correspondente. Verdade é que da Argentina partiu a proposta da exclusão da Russia da Liga das Nações genebrina; todavia, hoje já se alimentam em Londres e Paris seriissimas duvidas acerca da realização da sessão do conselho e da reunião geral nos proximos dias 9 e 11 de dezembro. O commissario do Exterior Molotow deu a entender claramente, que não se veria em Moscou razão alguma para uma convocação extraordinaria da Liga genebrina, afim de nella ser tratado o conflicto finno-russo. Disse, que a União Sovietica nem sequer estaria empenhada em guerra com a Finnlandia, mas que estaria apoiando o governo popular da Republica democratica, já por ella reconhecido, contra aquelles circulos finnlandezes que se opporiam a um entendimento franco e razoavel, tambem no dominio das reivindicações territoriaes, entre a Russia e o seu visinho no Mar Baltico.

Realmente, pergunta-se de si para si, porque razão as negociações entre Helsinki e Moscou não puderam ser levadas a um termo pacifico, como no caso dos demais Estados balticos, Esthonia, Lethonia e Lithuania. A imprensa official da União Sovietica accusa ahertamente a diplomia secreta hritannica que, depois do fracasso das tentativas anglo-russas em torno de um pacto, trabalha contra a U.R.S.S. particularmente na Escandinavia. Os proprios bretões parece que se convencem afinal da realidade de que não mais se poderá, de futuro, contar com a Russia para um cerco da Allemanha, mau grado o mais delicado dos tratamentos que se lhe proporcionou. Antes pelo contrario, receia-se, em face da concentração de tropas soviet-russas junto á fronteira do Iran e ao norte da India, bem como proximo ás divisas turcas na Transcaucasia, uma situação assaz ameaçadora para os interesses do Imperio Britannico desde a Asia anterior até á India, mórmente quando se considera, que é justamente naquella região que o brado da população nativa pró liberdade e autonomia se torna cada vez mais alto e que vem sendo ouvido attentamente por Moscou.

Ora, a politica britannica em relação á U.R.S.S. não póde, absolutamente, ser designada de irreprehensivelmente objectiva. Muito menos ainda, quando se pensa na declaração de guerra do governo de Chamberlain ao Reich. A incursão russa na Polonia não provocou nem mesmo um protesto sobre o papel. Tomou-se o maximo cuidado em Londres, para não empregar uma palavra que pudesse melindrar Moscou, nem mesmo por uma declaração official, nem tampouco através da imprensa, e muito menos então em forma de uma critica menoscabadora. Estamos convencidos de que mesmo no conflicto russo-finlandez, os bretões, a despeito de toda colera que os faz remorderem-se lá por dentro, não proporão sancções contra a U.R.S.S., nem applicarão um bloqueio e muito menos declararão a guerra. Perante todo o mundo, elles se encontram, sem duvida, numa posição bem delicada. Ora, Mr. Chamberlain disse-o ainda ha poucos dias a todos que o quizessem ouvir, que a Grã-Bretanha e mais o seu Imperio e seus fieis alliados lutariam pela liberdade de todas as pequenas nações da Europa: Declarou ainda, que a moral da nova Europa conduzida pela Inglaterra excluiria toda violencia e daria forma a um mais bello futuro dos povos. Póde-se então usar a moral como se fosse uma camisa que se veste e despe á vontade? Somos de parecer que a concepção britannica da moral é bifronte, sem fazermos nenhuma menção á quarta parte do mundo, a qual, com seus 400 milhões de almas, se acha sujeita ao commando da Downingstreet n. 10.

Lava-me o pello, não me molhes porém! E' assim que vemos neste momento a situação anglo-russa e isso, em verdade, não apenas do angulo visual dos bravos, mal informados finlandezes transviados e, consequentemente, trahidos. Se a Inglaterra e a França se empenham, presentemente, numa „santa cruzada" em prol de uma Europa melhor, então deveriam ser honestos bastantes e não simular u'a moral ou humanidade de primeira e segunda classes, porém defender o direito lá onde fôr acertado. O mundo neutro em peso deseja essas decisões claras. A não ser assim, poder-se-á suspeitar, que a citada santa cruzada pela liberdade das pequenas nações redunde, dá noite para o dia, numa aventura extremamente egoista.

ep.

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

XIII

kt. — O termo do primeiro trimestre de guerra offereceu o ensejo para que se bordassem multiplas considerações de caracter retrospectivo, as quaes giraram em torno dos acontecimentos politicos e militares e da efficiencia das armas modernas. O sr. Chamberlain salientou expressamente, que no decorrer dos successos não faltaram surprezas, e de nossa parte podemos accrescentar, que houve surpresas tambem na luta contra a falsidade. Era de prever, que esta arma não seria applicada de novo, com a mesma ausencia de escrupulos e com o mesmo dispendio de resursos monetarios, como nos annos de 1914—18, e a confirmação disso se teve no facto de que os methodos de um Lord Northcliffe e de seus sequazes, outrora de tão grande effeito, falharam desta vez, ante o rebate energico por parte da Allemanha, nos momentos decisivos. A Allemanha aproveitou as amargas lições da guerra mundial da mesma forma em que se valeu das experiencias promissoras das lutas intra-politicas em torno do advento do Tercciro Reich. Entrou, intelligentemente, em campo com todas as conquistas da technica moderna, notadamente com a mais efficaz das armas contra a mentira e a calumnia — o radio. Nisso, a Allemanha desprezou o principio de pagar tudo na mesma moeda, oppondo a uma falsidade outra falsidade, e assim sahiu, indubitavelmente, bem succedida, a ponto de a credibilidade do que diziam seus mais violentos adversarios neste terreno — as agencias Reuter, Havas e algumas outras mais, bem como seus orientadores em segundo plano — se ver profundamente abalada mesmo no julgamento dos neutros habituados a calcular friamente.

Entretanto, a luta prosegue. A mentira continuará a ser applicada como arma equivalente ao lado de bellonaves, de aviões e carros de assalto. E assim, nossa tarefa já se acha pretraçada tambem para o seguinte trimestre deste conflicto: prestar neste paiz neutro um modesto serviço á verdade.

As emissoras clandestinas eclipsadas

Caso se neccssitasse de mais uma prova de que as assim chamadas radioemissoras mysteriosas do „governo livre allemão" nada mais eram que os apparelhos postos, por um equivoco, á disposição da Policia Secreta Allemã (Gestapo) pelo Serviço Secreto Inglez, segundo informações officiaes allemãs, ter-se-a-ia na circumstancia de que desde 22 de Novembro as agencias de informações inglezas mantêm o mais absoluto mutismo em torno desses emissores. Foi nessa data que a Gestapo deixou o Secret Service com cara de palmo e meio ao torcer-lhe o classico pepino. Entretanto, antes de 22 de Novembro, as agencias londrinas chamavam, durante semanas e semanas, quasi que diariamente, a attenção do mundo para essas radiodiffusoras, divulgavam noticias sobre descontentamentos no Reich, escassez de comestiveis, conturbações politicas, etc. e transmittiam, telegraphicamente, artigos inteiros. Lembremos aqui, de entre a copia desse material, apenas um artigo que prova com particular clareza o que achavam em Londres, ou pretextavam achar, desse „emissor da liberdade", e quão turvas escorrem taes fontes. Seu autor é R. L. Philipps, „notavel commentador politico inglez", a vehiculadora foi a Newspaper Exchange Agency londrina e a respectiva publicação se verificou em São Paulo no dia 16 de novembro. Affirmou o sr. Phillips, que se estaria melhor informado sobre a Allemanha, tal como ella é, através dos dous emissores da „opposição allemã", os quaes trabalham clandestinamente intramuros da Allemanha e falam em nome do „estado maior do exercito allemão da liberdade". Dizem esses emissores: padecemos fome; os nazistas lutam pela manutenção de sua tyrannia; Hitler poderá vencer nas fronteiras, nós venceremos na Patria; não acrediteis nas mentiras de Goebbels; o chefe regional Streicher foi preso; já foram execu-

(Continua na 2.a pag.)

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

XIII

kt. — Der Abschluss des ersten Kriegsvierteljahres hat zu vielerlei rückblickenden Betrachtungen Anlass gegeben, in deren Mittelpunkt die politischen und militärischen Ereignisse und die Wirksamkeit der modernen Waffen standen. Dass es im Verlauf der Dinge nicht an Ueberraschungen fehlte, hat Herr Chamberlain ausdrücklich hervorgehoben, und wir dürfen hinzufügen, dass es auch im Kampf mit der Lüge Ueberraschungen gab. Nicht, dass diese Waffe wieder mit derselben Skrupellosigkeit und demselben Aufwand von Geldmitteln eingesetzt wurde wie in den Jahren 1914—18, — das war vorauszusehen —, aber dass die früher so erfolgreichen Methoden eines Lord Northcliffe und seines Gefolges gegenüber der energischen deutschen Abwehr diesmal in den entscheidenden Augenblicken versagten. Deutschland hat sich die bitteren Lehren aus dem Weltkrieg in gleicher Weise zunutze gemacht, wie die verheissungsvollen Erfahrungen aus den innerpolitischen Kämpfen um das Werden des Dritten Reiches. Es hat alle Errungenschaften der Technik umsichtsvoll eingesetzt, insbesondere die schärfste Waffe gegen Lüge und Verleumdung, den Rundfunk. Es hat dabei von dem Grundsatz abgesehen, Gleiches mit Gleichem zu vergelten, Lüge gegen Lüge zu stellen und hat zweifellos den Erfolg errungen, dass die Glaubwürdigkeit seiner heftigsten Gegner auf diesem Gebiet, der Agenturen Reuter, Havas und einiger anderer, sowie deren Hintermänner, selbst in dem Urteil von kühl berechnenden Neutralen schwer erschüttert wurde.

Der Kampf geht jedoch weiter. Die Lüge wird auch fernerhin als gleichwertige Waffe neben Kriegsschiffen, Flugzeugen und Tanks eingesetzt werden. Und damit ist auch für das zweite Vierteljahr unsere Aufgabe vorgezeichnet: im neutralen Lande der Wahrheit einen bescheidenen Dienst zu leisten.

Die verschwundenen Schwarzsender

Wenn es noch eines Beweises bedurft hätte, dass die sogenannten geheimen Sender der „Freien Deutschen Regierung" nichts weiter waren, als die nach der amtlichen deutschen Verlautbarung vom englischen Geheimdienst der „Geheimen Staatspolizei" (Gestapo) irrtümlicherweise zur Verfügung gestellten Apparate, so wäre er dadurch gegeben, dass die englischen Nachrichtenagenturen sich seit dem 22. 11. über diese Schwarzsender ausschweigen. Das ist der Tag, an dem die Gestapo dem überraschten Secret Service die bekannte klassische Nase drehte. Vor dem 22. 11. aber wiesen die Londoner Agenturen wochenlang fast täglich auf diese Sender hin, brachten Nachrichten über Unzufriedenheit im Reich, Mangel an Lebensmitteln, politische Wirren usw. und kabelten ganze Artikel weiter. Aus der Fülle des Materials sei hier nur eines Artikels gedacht, der besonders deutlich beweist, was man in London von dem „Freiheitssender" hielt oder zu halten vorgab, und wie trübe derartige Quellen flicssen. Der Verfasser ist R. L. Phillips, „ein hervorragender englischer politischer Schriftsteller", der Verbreiter die Londoner News paper Exchange Agency, der Tag der Veröffentlichung in São Paulo der 16. November. Herr Phillips stellt fest, dass man über Deutschland, wie es wirklich sei, am besten durch die beiden Sender der „Deutschen Opposition" unterrichtet werde, die heimlich innerhalb der Reichsgrenzen arbeiten und im Namen des „Generalstabs des deutschen Freiheitsheeres" sprechen. Und was sie sprechen: wir leiden Hunger; die Nazisten kämpfen für die Erhaltung ihrer Tyrannei; Hitler mag an den Grenzen siegen, wir siegen in der Heimat; glaubt nicht an die Lügen von Goebbels; Gauleiter Streicher wurde gefangen gesetzt; mehr als 1000 Parteimitglieder und 60 Unterführer sind bereits hingerichtet worden, usw. in epischer Breite. Zum Schluss bemerkt der „hervorragende englische Schriftsteller" noch, dass die Alliierten offenbar sehr viel von diesen Schwarzsendern erwarten dürften. Er bemerkt aber nicht, dass

Wird England der UdSSR den Krieg erklären?

Ein schwieriger Fall: Wasch' mir den Pelz, aber mach mich nicht naß!

Man weiss heute noch nicht, welches die eigentlichen Ursachen für die russisch-finnische Auseinandersetzung sind. Das diplomatische Kulissenspiel, welches dem Kanonendonner vorausging, war von Amerika aus auch gar nicht so leicht zu durchschauen. Klar ist, dasss in der Neuen Welt eine andere politische Moral herrscht, als in Europa. Hier ist die Brüderlichkeit und Humanität zu Hause. Hier, in der klassischen Heimat der Konferenzen, löst man auch die gefährlichsten Probleme mit gütiger Nachsicht und freundlichem Entgegenkommen. Wenn z. B. die mächtigen Vereinigten Staaten von Nordamerika eine kleine Nation in Mittel- oder Südamerika mit Waffengewalt unterjochen würden oder sie zu einem wirtschaftlichen Ausbeutungsobjekt herabwürdigten — eine Voraussetzung, welche sich mit der moralischen Haltung der USA überhaupt nicht vertragen könnte —, dann würde das übrige

(Schluss auf Seite 2)

die Gestapo diese Sender einundzwanzig Tage lang bediente, bis sie ihre Maske mit einer höflichen Empfehlung lüftete.

Der Gefangene vernichtet einen Kreuzer

Englischen Nachrichten zufolge wurde Kapitänleutnant Prien mit seinem Unterseeboot versenkt, als er die harten Schläge in Seapa Flow ausgeteilt hatte. Kurz darauf war er angeblich in englische Gefangenschaft geraten. Trotzdem wurde er zweifelsohne einige Tage später mit seiner gesamten Mannschaft in Berlin empfangen, gefeiert und ausgezeichnet. Am 25. November gaben wiederum englische und amerikanische Quellen seine Gefangennahme bekannt. Der Zufall aber wollte, dass das Oberkommando der deutsehen Wehrmacht fast zur selben Zeit mitteilte, wie derselbe Kapitänleutnant Prien einen neuen grossen Erfolg verzeichnen konnte, indem er einen schweren englisehen Kreuzer der London-Klasse torpedierte und versenkte. Also: tot, gefangen, in Berlin beim Führer, wieder gefangen, und schliesslich einen Kreuzer versenkt. Mehr kann man von einem Manne nieht verlangen.

Amtliche Abfuhr für die Havas

Da es immerhin eine Seltenheit ist, dass ein Staatsoberhaupt sich persönlich mit Falschmeldungen befasst, sei hier auf eine Erklärung Stalins hingewiesen, die am 29. November durch den russischen Rundfunk verbreitet wurde. Stalin widerlegte eine Unterstellung der Havas, die ihn selbst betraf und fuhr fort: „Diese Havas-Meldung ist wie so viele andere eine Fälschung. Ich kann natürlich nicht wissen, in welchem Kaffeehaus diese Lüge fabriziert wurde. Immerhin, so viel die Herren von der Havas auch lügen mögen, sie können nicht abstreiten, dass Deutschland nicht Frankreich und England angegriffen hat, sondern dass es Frankreich und England waren, die Deutschland angriffen und damit die Verantwortung für den gegenwärtigen Krieg tragen."

Sechzehn Wasserflugzeuge

Associated Press und Havas meldeten am 1. Dezember in alle Welt, dass sechzehn deutsche Wasserflugzeuge desertiert seien und sich mit weisser Flagge den holländischen Behörden ausgeliefert hätten. Die zuständigen holländischen Behörden gaben umgehend bekannt, dass es sich um eine freie Erfindung handle, die unsinnige Meldung aber war mittlerweile kritiklos abgedruckt worden.

Kriegsziele zur Auswahl

Am 3. Dezember, seinem Todestage, an dem wie herkömmlich in Paris eine Totenmesse für den Kardinal Richelieu gelesen wird, gab der Pariser Sender in französischer Sprache bekannt, Frankreichs Kriegsziele seien die im Testament des vor dreihundert Jahren verstorbenen Kardinals festgelegten Ziele. Diese bestehen in der Zerstückelung Deutschlands, der Vorherrschaft Frankreichs am Rhein und seiner Beherrschung Mitteleuropas durch Leitung eines Bundes deutscher Kleinstaaten, wie er später unter Napoleon I. als Rheinbund Gestalt gewonnen hatte. So wurden die Kriegsziele für das französische Volk dargestellt. Zur selben Zeit funkte ein anderer französischer Sender in deutscher Sprache, Frankreich kämpfe nur für die Erlösung des armen deutschen Volkes von der blutigen und wortbrüchigen Nazityrannei. Das war für das deutsche Volk bestimmt. — An welche Ziele würde man sich nun halten, falls die Alliierten siegen würden? Ein Blick auf Versailles und die Verwandtschaft der Versailler Ideologie mit der Richelieus geben nach deutscher Auffassung die richtige Antwort.

Ein Heer auf der Drehscheibe

Das Thema von der Bedrohung Hollands und Belgiens — natürlich durch Deutschland — ist zurzeit wenig zugkräftig. Es wird aber für künftigen Gebrauch gelegentlich aufgewärmt, und ein findiger Reporter der „United Press" weiss am 1. Dezember zu enthüllen, dass eine Million deutsche Soldaten auf linksrheinischem Gebiet so aufgestellt seien, dass sie wie von einer Drehscheibe im Bedarfsfall gegen Holland, Belgien oder Frankreich losgelassen werden könnten. Moral für den Leser: die Bedrohung ist nicht vorüber, sie tut nur so; passt auf die Drehscheibe auf!

Der Name muß herhalten

Dass die Engländer und Franzosen Kaiser Wilhelm II. nicht lieben, dürfte bekannt sein. Im Jahre 1919 haben sie sogar seine Auslieferung gefordert, um ihn als „Kriegsverbrecher" vor ein Gericht zu stellen. Die holländische Regierung jedoch blieb fest und lieferte ihn nicht aus. Wenn man sich nun neuerdings auffällig viel mit dem Kaiser befasst, so liegt der Grund darin, dass sein Name für die deutschfeindliche Propaganda ausgenutzt werden soll, wie in der vorigen Nummer an dieser Stelle nachgewiesen wurde. Seitdem wussten Havas, United Press und

(Schluss von Seite 1.)

Amerika geschlossen gegen den grossen Bruder Front machen und ihn in die Bahnen der guten Sitte und des Anstandes zurückführen. So löst die Neue Welt brennende Tagesfragen; in diesem und keinem anderen Lichte präsentiert sie sich der Alten Welt. Mit innerer Genugtuung darf sie darum auch ihrer Entrüstung über das europäische Geschehen Ausdruck geben und ihre Proteste gegen das Vorgehen der kriegführenden Grossmächte England, Frankreich, Deutschland und Russland über den Ozean schicken.

Die strenge Neutralität des amerikanischen Erdteils gestattet indessen eine Ueberschreitung des Ausdrucks der moralischen Entrüstung und eine entsprechende Sympathieerklärung nicht. Zwar ist von Argentinien der Antrag auf Ausschluss Russlands aus der Genfer Völkerbundliga gestellt worden, aber schon heute hegt man in London und Paris äusserste Bedenken gegenüber der Durchführung der Ratstagung und der Vollversammlung am kommenden 9. bezw. 11. Dezember. Aussenkommissar Molotow hat sehr deutlich zu verstehen gegeben, dass man in Moskau keinen Grund für die besondere Einberufung der Genfer Liga zur Behandlung des russisch-finnischen Konflikts sähe. Die Sowjetunion führe überhaupt keinen Krieg mit Finnland, sondern unterstütze die von ihr bereits anerkannte neue Volksregierung der demokratischen Republik Finnland gegen jene finnischen Kreise, die sich einer offenen, auch gebietsrechtlich vernünftigen Verständigung zwischen Russland und seinem Nachbar an der Ostsee widersetzten.

Tatsächlich fragt man sich, warum die Verhandlungen zwischen Helsinki und Moskau nicht wie bei den übrigen baltischen Staaten Estland, Lettland und Litauen zu einem friedlichen Abschluss gebracht werden konnten. Die amtliche Presse der Sowietunion beschuldigt ganz offen die britische Geheimdiplomatie, die nach dem Scheitern der englisch-russischen Paktbemühungen besonders in Skandinavien gegen die UdSSR arbeitet. Die Briten selbst scheinen sich nunmehr doch von der Tatsache zu überzeugen, dass Russland trotz aller schonenden Behandlung, die man ihm angedeihen liess, auch künftighin nicht mehr für eine Einkreisung Deutschlands zu haben sein wird. Im Gegenteil, man fürchtet angesichts sowjetrussischer Truppenansammlungen an den Grenzen des Irans und Nordwestindiens sowie an der türkischen Grenze in Transkaukasien, eine recht bedrohliche Entwicklung für die britischen Empire-Interessen von Vorderasien bis Indien, zumal gerade in diesem Gebiet der Ruf der einheimischen Bevölkerung nach Freiheit und Selbständigkeit immer lauter und von Moskau aufmerksam gehört wird.

Als einwandfrei objektiv kann auch die britische Politik der UdSSR gegenüber durchaus nicht bezeichnet werden. Am wenigsten, wenn man dabei an die Kriegserklärung der Regierung Chamberlain an das Reich denkt. Der russische Einmarsch in Polen hat nicht einmal zu einem papiernen Protest geführt. Man achtete in London sorgfältig darauf, weder durch eine amtliche noch eine Presseerklärung ein verletzendes Wort und schon überhaupt nicht eine abfällige Kritik an Moskau zu üben. Wir sind davon überzeugt, dass auch im russisch-finnischen Konflikt die Briten trotz aller inneren verbissenen Wut weder Sanktionen gegen die UdSSR beantragen noch eine Blockade durchführen oder gar einen Krieg erklären werden. Vor der Welt befinden sie sich gewiss in einer recht heiklen Lage. Mr. Chamberlain hat doch erst vor wenigen Tagen allen, die es hören wollten, erklärt dass Britannien mit seinem Empire und seinem treuen Alliierten für die Freiheit aller kleinen Nationen in Europa kämpfe: die Moral des neuen von England geführten Europas würde alle Gewalt ausschliessen und eine schönere Zukunft der Völker gestalten. Aber kann man denn die Moral wie ein Hemd gebrauchen, das man an- und auszieht, wie es einem passt? Wir meinen, dass die britische Auffassung über Moral höchst zweideutig ist, ganz zu schweigen von dem vierten Teil der Welt, der mit 400 Millionen Menschen dem Kommando der Downingstreet Nr. 10 unterworfen ist.

Wasch' mir den Pelz, aber mach' mich nicht nass! So sehen wir zur Stunde das britisch-russische Verhältnis, und zwar nicht nur aus dem Gesichtswinkel der tapferen, aber falsch unterrichteten, verführten und somit verratenen Finnländer. Wenn England und Frankreich ihren gegenwärtigen „heiligen Kreuzzug" für ein besseres Europa führen, dann sollten sie so ehrlich sein und nicht eine Moral oder Humanität erster und zweiter Klasse vortäuschen, sondern das Recht da vertreten, wo es angebracht ist. Die gesamte neutrale Welt wünscht solche klaren Entscheidungen. Andernfalls könnte man vermuten, dass der genannte heilige Kreuzzug für die Freiheit der kleinen Nationen sich über Nacht als ein recht egoistisches Abenteuer entpuppt. ep.

Die deutsche Seekriegswaffe wird die britischen Inseln vollständig abschnüren

Berlin, 6. (T.-O. — Agencia Allemã) In hiesigen politischen unterrichteten Kreisen erwartet man interessiert das Ergebnis der neuen Massnahmen im Seekriege, die sicherlich von Deutschland in Erwiderung der englischen Blockade gegen die deutsche Ausfuhr ergriffen werden. Man schätzt, dass von Januar ab in kurzer Zeit der Seeverkehr mit den britischen Inseln unmöglich gemacht wird. In den erwähnten Kreisen meint man, dass die Unterbrechung des Seeverkehrs mit England vor allem zur Folge haben wird, dass sich die neutralen Staaten gezwungen sehen werden, ihre wirtschaftliche Stellung wie auch ihre politischen Beziehungen zu revidieren. Die Unterbindung des Warenverkehrs mit England werde die Neutralen veranlassen, sich mit ihrem Handelsaustausch an Deutschland zu wenden. Die neutralen Staaten Europas würden sich bestimmt sehr bald vor die Entscheidung gestellt sehen, ohne dass sie auch nur die Möglichkeit hätten, sich dieser zu entziehen. Auch politisch würden sich die Neutralen zwangsläufig zu Entschlüssen gezwungen sehen. Mit der Veränderung des Wirtschaftslebens zu einem kontinentalen europäischen Block erscheinen die natürlichen politischen Anforderungen, die eine Veränderung der Struktur des europäischen Kontinents bedeuten, denn wenn die neutralen Staaten, vor allem Belgien, Holland, die nordischen Länder und Südosteuropa, die ja schon jetzt mit Deutschland im Handelsaustausch stehen, sich genötigt sehen, ihre Wirtschaftspolitik gegen England auszurichten, so wird diese Haltung notgedrungenerweise auch eine politische Verlagerung erforderlich machen.

Weihnachtsmarkt der Frauengruppe des BdsR., S. Paulo

Ja, Weihnachten steht vor der Tür! Wenn auch hochsommerliche Gewitterschwüle über Land und Leuten in Brasilien lastet und bei den Volksgenossen, die das Lichtfest in dunklen Wintertagen aus der Heimat her kennen, die wahre Weihnachtsstimmung nicht aufkommen kann. Aber niemand wird auch hierzulande an den heimlichen Bemühungen um dieses schönste Fest der Freude achtlos vorbeigehen können. Wer am vergangenen Sonntag in São Paulo das stattliche Heim des Deutschen Männergesangvereins „Lyra" besuchte, war in fast allen Räumen des grossen Hauses von weihnachtlichen Vorbereitungen umfangen. Besonders der Weihnachtsmarkt der Frauengruppe des BdsR war das Ziel vieler schenkensfroher Menschen. Welche Fülle praktischer Arbeiten gab es da, wie in allen vorhergehenden Jahren, wieder zu sehen! Man fragte sich tatsächlich, woher alle die fleissigen Mitarbeiterinnen die Zeit genommen haben. Stricksachen aller Art und Grössen; kostbare, mühevolle, dabei immer verwendungsfähige Näh- Häkel- Fillet-, Stick- und Malarbeiten. Man kann sie nicht alle aufzählen, aber wer sich sputet, kann heute oder morgen und übermorgen noch einiges betrachten, bewundern und erwerben, wenn er praktisch schenken will. Diese Weihnachtsausstellung verdient um so grössere Beachtung, als die Frauen doch erst kürzlich kistenweise selbstgefertigte Liebesgaben durch das Rote Kreuz auf den Weg nach dem deutschen Ostland brachten. Die Jugendgruppe ist mit einem besonderen Stand schöner Spielsachen und weihnachtlicher Bastelarbeiten vertreten, ebenso kann man in einer anderen Saalecke die leckersten Dinge für den bunten Teller in Empfang nehmen. Man verlässt diesen Weihnachtsmarkt, welcher zur Vorbereitung der Bescherungsfeier für einige Hundert minderbemittelte deutsche Familien dient, mit sehr überzeugenden Eindrücken von den Aufgaben und dem Wert der Frauenarbeit. — Im grossen Saal der „Lyra" vor allem in seinem Bühnenhaus, fanden wir die emsigen Gestalter der Märchenlandschaft am Werk. Das war ein toller Betrieb! Aber die Männer vom Bund sind doch ganze Kerle. Und sie versicherten, dass auch sie hier ein Meisterstück ihrer viele Jahre langen Arbeit ablegen wollen. Na, und darum freuen wir uns nun auf die Märchenspiele an den kommenden Sonntagen vor Weihnachten. ep.

A Guerra de Falsidases

(Continuação da 1.a pag.)

tados mais de 1 000 membros do partido e 60 sub-chefes, etc., numa largueza epica. Ao terminar, observa ainda o „notavel commentador politico inglez", que os alliados teriam, seguramente, de esperar muito desses emissores clandestinos. Não accrescenta elle, comtudo, que a Gestapo se serviu durante 21 dias desses radioemissores, até que levantou a mascara, despedindo-se com uma cortezia.

O prisioneiro que destróe um cruzador

Segundo noticias inglezas, o capitão-tenente Prien foi afundado juntamente com seu submarino, depois de haver desferido os rudes golpes em Scapa Flow. Logo depois fez-se constar, que os inglezes o haviam aprisionado. Não obstante, poucos dias mais tarde foi elle reeebido, juntamente com a tripulação do seu espadarte, em Berlim, onde foi festejado e condecorado. Em 25 de Novembro fontes inglezas e norte-americanas assoalharam de novo seu aprisionamento. Quiz, porém, o acaso, que o Alto Commando das Forças Armadas Allemãs communicasse, quasi na mesma occasião, que o mesmissimo capitão-tenente Prien pôde registar um novo grande successo, torpedeando e pondo a pique um cruzador pesado inglez da classe „London". Portanto: morto, preso, recebido em Berlim por Hitler, novamente aprisionado, e, finalmente, mandando ao fundo do mar um cruzador. Francamente, mais não se póde exigir de um homem.

A Havas leva um pifo official

Uma vez que constitue uma raridade, um chefe de Estado se occupar pessoalmente de noticias falsas, chamemos aqui a attenção do leitor para uma declaração de Stalin, divulgada em 29 de Novembro pela radioemissora russa. Stalin refutou uma imputação da Havas que se referia a elle proprio e accrescentou: „Essa noticia da Havas é, como, aliás, muitas outras, uma falsidade. Não posso, naturalmente, saber, em que café essa mentira foi forjada. Seja como fôr, por mais que os senhores da Havas mintam, não poderão contestar, que não foi a Allemanha que aggrediu a França e a Inglaterra, mas que foram a França e a Inglaterra que aggrediram a Allemanha, cabendo, conseguintemente, áquellas a responsabilidade na actual guerra."

16 hydroplanos

A Associated Press e a Havas informaram em 1 de Dezembro a todo o mundo, que 16 hydroplanos teutos haviam desertado, entregando-se, sob arvoragem da bandeira branca, ás autoridades hollandezas. Estas, entretanto, communicaram immediatamente, tratar-se ahi de uma pura invenção; todavia, a noticia absurda havia, entrementes, sido reproduzida sem nenhuma critica.

Objectivos de guerra a escolher

No dia 3 de Dezembro, anniversario da morte do cardeal Richelieu, em que, segundo antiga tradição, se reza u'a missa em intenção á sua alma, a radiotransmissora de Paris deu a conhecer, que os objectivos de guerra da França seriam os constantes do testamento politico do cardeal-estadista fallecido já ha 300 annos. Taes objectivos consistem na fragmentação da Allemanha, na hegemonia da França no Rheno e seu dominio sobre a Europa Central, através da direcção de uma federação de Estados mirins allemães, conforme esta fôra estructurada, mais tarde, sob Napoleão I, como confederação rhenana. Assim foram expostos ao povo francez os objectivos de guerra. Simultaneamente, outro emissor francez irradiou em lingua allemã, que a França lutaria pela libertação do pobre povo tudesco da sanguinaria tyrannia nazista sem palavra. Endereçava-se essa mensagem ao povo teuto. Quaes os objectivos que teriam applicação, caso os alliados vencessem? Basta um olhar para Versalhes e para a affinidade existente entre a ideologia versalhana e a de Richelieu para se ter, do ponto de vista allemão, a devida resposta.

Um exercito sobre uma plataforma giratoria

O thema da ameaça voltada contra a Hollanda e a Belgica — naturalmente por parte da Allemanha — já não pega mais bem. Todavia, para usos futuros, retemperase-o occasionalmente, tanto assim que em 1 de dezembro um reporter engenhoso da „United Press" revela, que um milhão de soldados allemães estariam de tal modo postados em terrenos marginaes do Rheno, que, em caso de necessidade, poderiam ser lançados, como que de uma plataforma giratoria, contra a Hollanda, a Belgica ou a França. Moralidade para o leitor: a ameaça não passou, ella apenas o apparenta; preste attenção á plataforma giratoria!

A exploração de um nome

Deve ser sabido, que os inglezes e francezes não morrem de amores pelo imperador Guilherme II. Em 1919 chegaram mesmo a exigir sua extradição, afim de julgal-o perante um tribunal como „criminoso de guerra". O governo hollandez se manteve, porém, firme e não o entregou. Ora, se nestes ultimos tempos se occupam de novo e frequentemente do Kaiser, a razão disso reside no facto de que ha conveniencia em explorar o seu nome em prol da propaganda hostil á Allemanha, conforme ficou provado nesta columna, no numero da semana passada. Desde então, a Havas, a United Press e jornaes inglezes tinham algo de novo a publicar em 27 e 29 de Novembro: o governo hollandez teria offerecido ao ex-imperador allemão uma residencia em Haya, visto que o castello de Doorn se encontraria numa zona que teria de ser inundada no caso de uma incursão allemã pela Hollanda; e, de outro lado, que o Kaiser pretenderia transferir seu domicilio para a Norwega. As noticias foram promptamente desmentidas de Doorn e estygmatizadas de mentiras intencionaes.

So sieht Englands ungeheurer Reichtum aus

Die meisten Völker der Welt meinen, dass England zu den reichsten Ländern auf dieser Erde gehört. Diese Annahme ist schon sehr alt und scheint darum auch als gerechtfertigt. Die von Britannien sofort nach Kriegsausbruch ergriffenen Steuermassnahmen haben indessen viele neutrale Beobachter zum Nachdenken über die wirkliche Finanzkraft dieses Landes veranlasst. Darüber hinaus darf man nicht vergessen. dass England seit der Einführung der Devisenwirtschaft keine Zahlungen in ausländischen Kapitalien mehr vornahm. Eine Untersuchung der englischen Finanzkraft sollte daher recht interessant sein.

Jedermann weiss, dass England nicht so viel Güter und Waren erzeugt, wie es benötigt. Das ist durch die britischen Statistiken selbst bewiesen. Die englische Einfuhr übersteigt die Ausfuhr bei weitem. Im Jahre 1937 war die Einfuhr um 432 Millionen Pfund Sterling höher als die Ausfuhr. Im Jahre 1938 war sie mit der beträchtlichen Summe von 388 Millionen Pfund Sterling auch noch aussergewöhnlich hoch. Dieser gewaltige Einfuhrüberschuss wurde von den Zinsen bezahlt. die England für seine im Ausland angelegten Kapitalien erhält. Wie aber die britische Regierung bereits bekanntgab, war dieser Ausgleich in den letzten Jahren nicht mehr im vollen Umfang möglich. Grossbritannien lebt daher bereits von der Substanz.

Vergegenwärtigen wir uns die Lage zu Kriegsbeginn: Der gewaltige Einfuhrbedarf Britanniens hat sich während der kriegerischen Feindseligkeiten nicht vermindert, sondern im Gegenteil noch erhöht. Nimmt man dazu, dass die britische Exportindustrie nicht mehr so viel Fertigwaren nach dem Ausland liefern kann wie bisher, da sie auf die Kriegswirtschaft umgestellt wurde, so kann man mit gutem Grund behaupten, dass die britische Einfuhr in den nächsten Jahren jeweils um mindestens 600 Millionen Pfund Sterling die Ausfuhr übersteigen wird.

Zur Begleichung dieser Summe wurden früher in erster Linie die Steuern aus Seetransporten für ausländische Auftraggeber aufgewandt. Angesichts der Tatsache jedoch, dass Britannien weder Zinsen noch sonstige Ablösungsgelder aus Deutschland, Polen, dem einstigen Oesterreich, der ehemaligen Tschechoslowakei und China erhält, und dass daneben die Agrarstaaten der ganzen Welt in Anbetracht der wachsenden Schwierigkeiten im Welthandel weder ihre Anleihen zurückzahlen. noch Dividenden überweisen können, kann man mit der Feststellung rechnen, dass jetzt nicht mehr wie 1938 200 Millionen Pfund Sterling nach Britannien überwiesen werden, sondern höchstens 100 Millionen Pfund Sterling. Die ratenweisen Zahlungen für die Ueberseefrachten — die noch im vergangenen Jahr allein 100 Millionen Pfund Sterling einbrachten — sind vor allem rückständig, da die neutralen Staaten ihre Waren nicht auf britischen Schiffen transportieren lassen; im Gegenteil England muss der Tatsache ins Auge schauen, dass es selbst für diese Transporte in Zukunft gewaltige Summen aufbringen muss.

England kann alsdann sein Gold verkaufen — falls die anderen Länder dieses Gold wollen und nicht wie im Weltkrieg seine Einfuhr verbieten — oder es kann seine ausländischen Werte, hauptsächlich seine Kreditpapiere veräussern, womit schliesslich. wie auch allgemein bekannt ist, bereits vor längerer Zeit begonnen wurde.

Es ist von einiger Bedeutung zu wissen, was England in dieser Beziehung zu mobilisieren hat. Nach britischen Mitteilungen, wie z. B. aus der Wirtschaftszeitschrift „Economist" vom 12. August 1939 hervorgeht, stehen. England Auslandswerte in Höhe von 1172 Millionen Pfund Sterling zur Verfügung. Genau gerechnet. meint die genannte Zeitung, ist diese Summe allerdings weit niedriger. Diese Werte im Ausland stellen die wirtschaftliche Macht Britanniens dar. Um nur einige Beispiele anzuführen, mit diesen Werten sollte der Einfluss auf die Goldproduktion, auf die Zinn- und Kautschukerzeugung auf der ganzen Welt gesichert werden. Daneben besitzt England Goldbestände in Höhe von fast 400 Millionen Pfund Sterling, wovon allerdings nur die Hälfte den Briten selbst gehören, während die andere Hälfte ausländische Staaten zu Eigentümern hat, die ihr Gold lediglich den englischen Depots anvertraut haben. Wenn England rücksichtslos — und dazu dürfte es gezwungen werden — über diese ausländischen Kredite und Goldbestände verfügen würde, um seine Einfuhr zu bezahlen, wird es in zwei Jahren alle diesbezüglichen Werte aufgebraucht haben. Zu diesem Ergebnis kommt man nach eigenen britischen Feststellungen über die Kriegskosten, welche. wie der „Economist" versichert. bei voller Entwicklung des Krieges 25 Millionen Pfund Sterling täglich betragen.

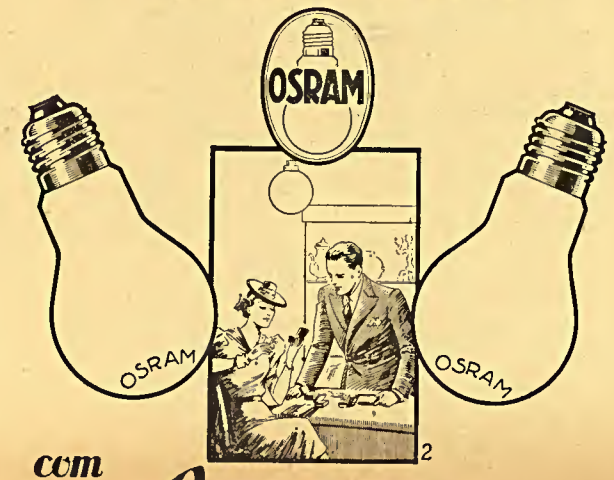
Verglichen mit dem Zustand bei Weltkriegsbeginn ist die heutige Lage also völlig verändert. Damals konnte England sofort ausländische Anleihen in Höhe von 1,3 Milliarden Pfund Sterling aufnehmen. Da die Gläubiger aber später erfahren mussten, dass die Engländer die Rückzahlung dieser Schulden verweigerten, wird sich heute jedermann mit gesundem Menschenverstand ebenso weigern, England neue Anleihen zu gewähren, um nicht dieselbe Enttäuschung zu erleben. Wissenswert ist auch dass England am Anfang des Weltkrieges nicht wie heute nur 1,1 Milliarden Pfund Sterling in ausländischen Krediten besass, sondern fast 4 Miliarden.

Auf Grund dieser einfachen Rechnung kommt man zum Ergebnis, dass die englischen Werte im Ausland und die Goldbestände nur für die Frist von zwei Jahren genügen, um den Einfuhrüberschuss zu bezahlen. Aber was wird dann werden?

Man könnte einwenden, dass die englische Industrie die Einfuhr durch die Ausfuhr auszugleichen versuchen würde, wie die deutsche Wirtschaft das bereits seit Jahren kennt. Das ist aber schlecht möglich, denn der britische Einfuhrbedarf ist so gewaltig, dass er durch die englische Industrie nicht ausgeglichen werden kann, die ihrerseits im höchsten Masse von den ausländischen Einfuhren abhängt.

Aus all dem geht hervor, dass das Grossbritannien unserer Tage mit seinen weit geringeren Kapital- und Goldbeständen als 1914 selbst auf dem wirtschaftlichen Gebiet in sehr ernste Schwierigkeiten geraten dürfte. Es wäre zwecklos. aus diesen absolut stichhaltigen statistischen Angaben nun die Schlussfolgerung zu ziehen, dass die Briten nach zwei Jahren zu einem Frieden um jeden Preis genötigt sein würden. Von der weiteren Entwicklung des Krieges mit den Waffen hängt schliesslich die Entscheidung ab. Auf jeden Fall dürften die wirtschaftlichen Sorgen Englands um so beschleunigter anwachsen, je länger der Krieg dauert. Wenn Britannien erst einmal seine Auslandskredite angegriffen hat, was bereits im weiten Ausmass der Fall ist, dann wird es damit seine Vorrangstellung auf den Weltmärkten untergraben. Die Zeit des grossen Mangels wird anbrechen. Zum Problem des Aussenhandels wird die Frage der inneren Politik treten, die Sozialpolitik wird eine Lösung der dringenden Fragen fordern. Schon bemerkt man die ersten Anzeichen dafür in den zwischen Regierung und Gewerkschaften gewechselten Erklärungen. Es liegt durchaus im Bereich der Möglichkeit dass die Welt in den nächsten Jahren Britannien in einer durch die Wirtschaft ausgelösten grossen Verwirrung vorfinden wird, welche nicht nur einer Weiterführung des Krieges hinderlich sein kann, sondern zur gleichen Zeit jene sozialen Spannungen zur Entladung bringt welche sich seit Jahrzehnten auf dem Inselreich angehäuft haben.

Luz perfeita
e abundante



com Lampadas
OSRAM

Stoßtrupp im Vorfeld der Maginot-Linie

Kniehoch das Wasser drüben in den Löchern - Vorstoß in ein verlassenes Dorf

Es geht schon auf die Mittagsstunde zu, als wir die Fahrzeuge im letzten deutschen Grenzort verlassen. Das Dorf ist zeitweise von den Franzosen besetzt gewesen. Verendetes. schon in Verwesung übergegangenes Vieh liegt auf den Strassen und in den Ställen. Die Einrichtung in den Häusern ist teils demoliert, teils mitgenommen. Es sieht wüst aus in den Wohnräumen. Alles ist durchwühlt, zerstört und verkommen. Wir haben keine Zeit zum längeren Aufenthalt und streben schnell vorwärts. Wir wollen als Spähtrupp ins geräumte feindliche Vorfeld. Wir sind fünfzehn Mann. Zwei MGs gehen mit, um den Feuerschutz zu übernehmen. Seit Wochen steht heute zum ersten Male die Sonne wieder am Himmel. Dafür bläst aber der Wind ganz anständig aus Nordost. Wir bemerken das bald nicht mehr, denn der Oberleutnant an der Spitze unseres Trupps legt ein flottes Tempo die Höhe hinan vor. Nach einigen hundert Metern sind wir oben. Links und rechts der Strasse hatte sich der Franzose einige Löcher gebuddelt. Eine Stelle unserer Artillerie ist jetzt vorläufig dort eingerichtet. Nicht weit vor uns können wir die deutsch-französischen Grenzpfähle sehen. Schon können wir weit ins französische Land blikken. Rechts reckt aus einer Mulde eine Kirche ihren Turm. Der Ort ist unser erstes Ziel. Dahinter steigt das Land wieder an. Mit unseren Gläsern suchen wir die Felder und Waldwiesen ab. Nichts ist zu bemerken, dennoch ist Vorsicht geboten.

Unser Spähtrupp löst sich in zwei Gruppen auf. Während die eine nach links auf eine Waldspitze vorstösst, übernimmt unser MG. den Feuerschutz. So gehen wir unter gegenseitigem Schutz abwechselnd vor, die einen am Waldrand, wir die Strasse entlang. Rechts und links ist freies Feld. Die Obstbäume am Strassenrand bieten einige Deckung. Langsam senkt sich die Strasse wieder. Wir stossen auf die zweite Widerstandslinie der Franzosen. Es sind einzelne Kampfnester. Die Drahthindernisse davor sind nicht sonderlich stark, die Unterstände nicht so solide wie unsere. Kniehoch steht das Wasser in den Löchern. Nach einigen Schritten tauchen die ersten Hausdächer aus der Mulde auf. Wir sind etwa noch einen Kilometer von einem Dorf entfernt. Bald stossen wir auf die Anfänge eines Grabensystems. Nur an wenigen Stellen kann man schon aufrecht im Graben stehen. Im allgemeinen ist der Graben erst zwei Spaten tief. Warum hat der Franzose diese Arbeiten nicht durchgeführt, wir stehen doch zwei Kilometer jenseits der Grenze? Es haben auch keine Kämpfe stattgefunden, in denen der Franzose zurückgedrängt worden wäre. Ein Rückzug also ohne Grund — eine seltsame Feststellung.

Am nächsten Wegekreuz stösst die andere MG-Gruppe wieder zu uns. Wir wollen jetzt die Lage in dem vor uns liegenden Dorf erkunden. Der Weg fällt steil ab. Eine Schlucht bietet zunächst einigermassen Deckung. Bald trennen sich die Gruppen wieder, um von zwei Seiten aus das Dorf zu erreichen. Die beiden MGs bleiben vorerst auf dem Hang zu unserem Schutz zurück. Bevor wir weitergehen, tasten wir mit unseren Gläsern den Gebäudekomplex ab. Nichts Verdächtiges ist zu sehen. Unmittelbar vor dem Ort hindert eine Strassensperre unseren Gang. Seitab durch Obstgärten kürzen wir den Weg ab. Die Haustüren stehen offen. Mit Vorsicht werden die ersten Häuser betreten, in der rechten Hand das Gewehr, während die Linke eine Handgranate im Koppel oder im Stiefelschaft lokkert. Nichts rührt sich. Wir schauen in ein wüstes Durcheinander. Möbel sind umgestürzt, Hausgeräte, Bücher, Briefsachen und anderes Zeug liegen wirr durcheinander. Scherben, Dreck und verkommene Lebensmittel liegen auf Tischen, Stühlen und auf dem Boden. Im Schlafzimmer sind die Betten durchwühlt, Bettzeug und Kissen sind verschwunden oder verdreckt. Die Küche gleicht eher einem Stall als einem Aufenthaltsraum für Menschen. Der Anblick ist kaum zu schildern. Dieses Bild wiederholt sich von Haus zu Haus. Es gibt keine Ausnahme. So haben die feindlichen Truppen in den Orten gehaust, die von ihren eigenen Landsleuten bei Kriegsbeginn geräumt worden sind.

Bücher und Wandsprüche, die wir finden, sind fast ausnahmslos deutsch. Auf französischen Briefformularen wird in deutscher Sprache korrespondiert. Selbst das Ortsschild ist das gute alte deutsche Emaillemuster. Nur leicht ist die Schrift überpinselt. „Landwehrbezirk X..." ist noch deutlich zu lesen. Darüber steht dann der Ortsname in französischer Uebersetzung. Ein Misthaufen vor einem Hofe wird von zwei schlachtreifen Schweinen um- und umgewühlt. Ihr Grunzen unterbricht die Totenstille im Ort. Was machen die Schweine hier noch? Wir glauben nicht an ein „Gastgeschenk" für uns. Dennoch würden wir die Tiere mitnehmen, aber unser Weg ist noch weit. Sie würden uns zu sehr hindern ... Bald sind wir eine halbe Stunde im Ort. Kein Mensch und kein Feuer stören uns. Nur abseits liegt Artilleriefeuer, das uns nichts angeht. Unser Auftrag ist hier erledigt. Also „Kehrt marsch!" bis zur letzten Wegkreuzung. Dort wenden wir uns nach links.

Bald nimmt uns ein leichter Laubwald auf. Gelbe. rote und braune Tupfen verstreut die Herbstsonne. Es ist ein Bild des Friedens; aber nur für den flüchtigen Beschauer. Unmittelbar an der Waldspitze treffen wir auf verlassene MG.-Nester und Unterstände. Noch mehrere Verteidigungslinien ziehen sich durch den Wald. Sie zeigen das Bild schneller Räumung: Unordnung und Schmutz. Nach einer halben Stunde ist das Waldende erreicht. Drahthindernisse halten uns nicht lange auf und über freies Feld geht es ausgeschwärmt dem nächsten Ort entgegen. Wieder rücken wir in zwei Gruppen überschlagend vor. Mancher Stacheldraht muss mit Rücksicht auf unsere Hosen vorsichtig überklettert werden. Von den Bäumen lachen uns gelbe und rote Aepfel an. Im Vorbeigehen wandern einige in unsere Taschen. Wir sind jetzt in Sichtweite der ersten Dorfhöhe. Dort stöbern überall Schweine in allen Grössengruppen. Die Gesichter einiger „Landser" verziehen sich zu einem fetten Schmunzeln. Morgen ist doch Sonntag und sie sehen schon einige französische Ferkel in der Pfanne ihres Quartiers schmoren. Diese Jagdpläne dürfen zunächst unser militärisches Ziel nicht beeinträchtigen. Noch einige Hindernisse sind im Feld zu überwinden, dann sind die ersten Häuser erreicht. Wieder wird der Ort von zwei Seiten zugleich betreten. Und wieder würde diese Vorsicht nicht nötig gewesen sein, denn auch dieses Dorf ist von den Franzosen geräumt. Der Ort ist ebenso verdreckt wie der erste. Wir müssen uns überwinden, um die Häuser zu betreten. Schnell. um dem Gestank zu entgehen, wird der Ort durchstreift.

Dann geht's zurück. Einige Landser haben schon Jagd gemacht. Aber die Schweine wollen nicht so schnell in eine deutsche Bratpfanne. Sie büchsen im Zickzackkurs aus, und die Jäger, die den Weg der Ferkel verstellen wollen, werfen sich mit einem Satz, der jedem Fussballtorwart Ehre machen würde. in die Fluchtrichtung. Aber das Kampfergebnis ist mager. Nur ein einziges junges Ferkel wandert in Gefangenschaft. Drei Stunden sind wir nun schon unterwegs. Es wird Zeit zurückzukommen, um unsere Beobachtungen zu melden. Wir streifen wieder durch den schönen Wald. Diesmal am Ostrand entlang wo die befestigten Stellungen der Franzosen gewesen sind. Der Weg lohnt sich. Ueberstürzt müssen diese Stellungen verlassen worden sein. Hatten sie Gespenster gesehen? Viele Maschinengewehr- und Granatwerfermunition, Stahlhelme Feldmützen, Gerätetaschen, Feldflaschen, Leuchtpistolen und andere Ausrüstungsgegenstände sind zurückgeblieben. Wir packen alles auf und schleppen in Säcken, Zeltbahnen und Körben, die wir finden, die Beute zurück. Am Waldrand stossen wir noch auf die Reste eines abgeschossenen französischen Jagdflugzeuges. Im Umkreis von 200 Meter sind die Maschinenteile verstreut, so heftig muss der Anprall gewesen sein. Das Maschinengewehr liegt weitab im Feld. Wir packen es zu den übrigen Trophäen. Dann geht's weiter in flottem Schritt. In der Mittagssonne wird's uns ordentlich warm. Der Schweiss tropft, der Stahlhelm drückt, und durch die Stiefel dringt das Pfützenwasser. Aber unsere Stimmung ist gut, denn unser Auftrag ist erfüllt.

Paul Dierichs

Irradiações especiaes

para o Brasil em Lingua Portugueza

das 18,50 ás 23,00 horas pelas emissoras

DZC — 10290 Kiclos — 29,15 metros e
DJP — 11855 Kiclos — 25 31 metros

Transmissão do Noticiario de ultima hora

todos os dias ás 20 e ás 22 horas (hora local)

Obra integral na provincia do Vistula

ep. — Emquanto a luta contra a Grã-Bretanha assume de dia para dia, extensões sensacionaes cada vez maiores, com as fataes consequencias para os insulanos, como em tempo algum ellas foram assignaladas em todos os quatro annos da guerra mundial; emquanto na mole occidental a frente parda rechassa numa decisão ferrea, toda tentativa de incursão do inimigo pelo territorio do Reich; e emquanto em todos os cantos celeres aviões teutos garantem o espaço sobre a região fronteiriça a oéste, processa-se no oriente allemão, em paz e tranquillidade, por planos e systematicamente, uma obra constructora sui-generis. Hoje ainda não se sahe muito neste particular. A attenção do mundo se acha por demais presa pela luta, de que advirão sérias decisões, entre o Imperio britannico e seu alliado e a Allemanha. Quem ainda fala hoje no Estado polonez de cunho versalhano? Dentro dos objectivos de guerra britannicos só ainda se fala no esmagamento da Allemanha, e os francezes, que toleram em seu proprio paiz um governo de emigrados polonezes, têm outros cuidados com que se preoccupem. Por ora, e antes de tudo, têm de ajudar os bretões. Mais tarde voltar-se-á a tratar de novo do assumpto Polonia. As agencias „Reuter" e „Havas", que, já durante a campanha dos 18 dias da Polonia a léste se encontraram na infeliz situação de não possuir correspondentes na Polonia não estão hoje ao par do andamento das cousas na provincia do Vistula, e por conseguinte, tambem os jornaes em outros recantos do globo, por ellas suppridos, nada sabem informar sobre a reedificação e organização daquella importante região da Europa oriental. Seguramente, a reportagem feita, em tempos de guerra, sobre uma verdadeira obra de paz ha de ser um negocio ingrato. Ora, convem mais procurar o material para largas manchettes em audaciosas lutas aéreas, em corajosos ataques dos „tommies" á linha Siegfried, no bloqueio economico contra a Allemanha e outras pecinhas heroicas que taes, francamente inventadas ou tristemente reaes. Apesar de todo entendimento que tenhamos para os methodos sensacionaes, queremos, porém, reproduzir a seguir, succintamente, o que nos informam alguns telegrammas do Serviço Transocean, menos espalhafatoso, mas em compensação mais amigo da realidade, no tocante á obra realizada pelo braço allemão a léste. Devemos fixar, de antemão, um ponto de particular importancia: Se o governo do Reich tivesse de considerar a actual situação na fronteira allemã a léste como estado passageiro, jamais alle tomaria medidas de tal forma amplas e fundamentaes. A vontade manifestada pela Allemanha no sentido de uma organização de grande envergadura só póde ser comprehendida, partindo-se do reconhecimento absoluto de que a segurança das zonas agrarias allemãs de lado a lado do Vistula, por uma população de camponezes allemães, representa o penhor da paz na Europa oriental. A estructuração do espaço vital allemão a léste — ha seculos e seculos o engeitado de toda a politica allemã — sahiu agora da phase de seus especulações theoricas para entrar na éra da concretização pratica. Os dias por vir revelarão sua significação para todo o futuro, determinada pelo destino. Em immediata ligação com isso serão resolvidos, outrosim, os innumeros problemas das minorias e das colonizações esparsas na Europa Central, bem como, não em ultima analyse, para o Reich, o problema da falta de espaço que exigiu, em seculos passados, tão tremendas sangrias que se verificaram em forma de emigração para ultramar. Queremos aqui apenas tocar neste thema. Um tratamento mais preciso só será possivel, naturalmente, após solidificação da nova ordem de cousas na Europa oriental.

Os repatriados dos Estados Balticos

A condição precipua para a provincia do Vistula reza: que venham camponezes allemães, o quanto mais possivel. Si se considerar, que os polonezes conseguiram desalojar, nos vinte annos após Versalhes, quasi um milhão de allemães das regiões da Prussia Occidental e de Posen, as autoridades allemãs se viram agora frente ao problema de trazer povoadores teutos para as provincias do Reich reconquistadas. Na provincia Dantzig-Prussia Occidental, que forma a ponte entre a Pommerania e a Prussia Oriental, esta questão se tornou premente. Quasi todos os polonezes têm de abandonar aquella região. Por ora foram convidadas para se repatriarem as familias allemãs da Lethonia e da Esthonia, bem como da ex-Polonia oriental, as quaes attenderam, quasi sem nenhuma excepção, o chamado da Patria maior. Durante semanas e semanas, navios de transporte iam e vinham entre as cidades maritimas do Baltico e Gotenhafen e Dantzig. Cabia conduzir dezenas de milhares de familias tudescas, através do Mar Baltico, afim de installal-as, o quanto possivel ainda antes do começo do inverno, nos novos nucleos agricolas. O correspondente de um jornal allemão descreve assim suas impressões colhidas em Gotenhafen:

„Os gigantescos armazens e galpões de Gotenhafen são insufficientes para abrigar toda a bagagem e trens de mudança. São necessarios, em cifras redondas, 300.000 metros quadrados de área de depositos, de que Gotenhafen dispõe apenas de cerca de duas terças partes. Porisso, já se recorreu a armazens em Dantzig, Hamburgo e Bremen. Quasi que diariamente aportam a Gotenhafen vapores com repatriados que trazem todos seus moveis e demais objectos domesticos. Contam-se, ás vezes, diariamente, até 5 000 repatriados, e os volumes que transitam por Gotenhafen são calculados em um milhão. 400 trabalhadores expedidores trabalham dia e noite para aviar e despachar esses carregamentos gigantescos. Esse trabalho está affecto a uma grande organização composta de membros de conceituadas firmas expedidoras allemãs, sob a fiscalização do Ministerio da Viação. „Imagine o senhor — disse-me o chefe do serviço, dr. Faerben, funccionario do Ministerio da Viação do Reich — que temos de despachar, em poucas semanas, installações domiciliares de 75.000 pessoas. E' a expedição de trens de mudança de uma transmigração de povos, como jamais se registou outra igual. Para recebermos e redespacharmos para todas as partes, em perfeita ordem, essas centenas de milhares de volumes, organizámos para cada remessa uma ficha, sendo que o nosso fichario deve ser o maior na especie em todo o mundo. Vamos empregar uma duzia de funccionarios só para cuidar desse fichario que comporta ao todo um milhão de fichas". Nos vastos armazens encontram-se esses volumas de toda natureza, acondicionados da forma a mais variada possivel, a desafiar a phantasia humana. Para a recepção dos allemães dos Paizes Balticos dispõem-se em Gotenhafen dos gigantescos embarcadouros e desembarcadouros da linha de navegação americana, que haviam sido construidos para os emigrantes polonezes, mas que desde sua existencia jamais apresentaram um tão enorme movimento de passageiros".

Mas as familias de camponezes não vêm apenas dos Paizes Balticos, porém tambem da Volhynia, da Galicia oriental e da Russia. Todas ellas juntas ainda não constituem o numero necessario para formar a mole ethnica a léste. Para isso, o Reich poderá domiciliar na provincia do Vistula muitas familias que se mostrem dispostas a mudar, trazendo-as das regiões particularmente superpovoadas da Allemanha occidental e central. Ora, emquanto nessas regiões da Allemanha propriamente dita vivem, por kilometro quadrado, 200 até 300 individuos, a densidade demographica é de apenas 50 e 80 almas do lado léste. Dahi se póde concluir, que condições extraordinarias existem no proprio Reich para a estructuração deste no sentido da politica do povoamento. Simultaneamente se põe termo, para todo sempre, a esse absurdo de um corredor, e nunca mais a questão em torno da cidade allemã de Dantzig poderá tornar-se o joguete nas mãos de forjadores internacionaes de intrigas, e finalmente a provincia da Prussia Oriental poderá, mais do que nunca, cumprir sua missão cultural e economica, como provincia fronteiriça.

Articulação e construcção

Verdade é que sem medidas incisivas nem sequer se poderia ter dado inicio á nova obra na provincia do Vistula. Existem povos que depois de uma guerra victoriosa, em que se empenharam com o visinho, exigem deste tributos e reparações e não se incommodam em absoluto com a sorte do ex-adversario. A concepção allemã da vida e do trabalho, no sentido da paz e da ordem, não permitte essa attitude irresponsavel. O Reich poderia muito hem ter dito, depois de ganha a guerra contra os polonezes: „Vós nos desafiastes — fostes castigados — apoderámo-nos de nossa presa e agora vede como vos arranjaes com o resto." Seria isto a solução mais commoda. Todavia, um procedimento destes não corresponderia á indole allemã. O que é allemão é a comprehensão clara do dever, do trabalho, da ordem, em summa, da orientação consciente de todas as energias no trilho da evolução productora de valores, a qual é, em si propria, creadora, civilizadora e cultural. Assim comprehendemos tambem a creação do dever do serviço do trahalho para toda a população poloneza, determinado pelo governador geral para as regiões occupadas, nesta uma sentença: „Todos aquelles que estiverem em condições de trabalhar têm por dever dedicar-se a um trabalho." Esta disposição é extensiva, naturalmente, tambem aos 3,5 milhões de judeus na Polonia. Quem ver nas illustrações esses judeus entregues ao trahalho, curvados ao peso de tres ou quatro tijolos (um pedreiro allemão carrega dez vezes tantos tijolos, caminhando em andaimes vacillantes); quem tiver presente, que esses judeus, que só sabem traficar e gadanhar, jamais conheceram um trabalho physico, comprehenderá, onde podia ser encontrado o mal canceroso do ex-Estado polonez.

O programma das autoridades allemãs no sentido de crear opportunidades de trabalho é grandioso. Antes de mais nada planeja-se a navegabilidade do Vistula na sua parte superior. Trata-se ahi do extenso trecho curvilineo do curso do Vistula que vae de Cracovia até Demblin, pouco antes de Varsovia. A obra de rectificação desse trecho do Vistula, que fôra completamente abandonada pelos polonezes e se vira porisso invadida pela areia, occupará, durante annos a fio, dous milhões de homens. As obras deverão ter inicio na proxima primavera. E' absolutamente certo que naquellas regiões jamais surgirá o problema da falta de trabalho. De mais a mais, a Allemanha considera a construcção de vias fluviaes uma tarefa de grande e urgente importancia. Foi creado em Dantzig um departamento de administração proprio para esse fim, o qual projecta, além da rectificação do Vistula, um grande numero de novos canaes. Cogita-se, antes de tudo, de restabelecer a navegabilidade do canal de Bromberg, construido por Frederico, o Grande, o qual une o Oder com o Vistula. Além disso, cabe reconstruir as innumeras pontes e passagens de rios que os polonezes dynamitaram, concertar as comportas de açudes, construir novos diques, afim de proteger as baixadas fertcis das inundações. Devem ser abertos caminhos; as estradas de rodagem carecem de ser pavimentadas; para a industria madeireira é indispensavel uma economia florestal bem organizada. Existem tantas cousas que mal podemos imaginar e comtudo são uma prova patente do atrazo no progresso do territorio banhado pelo Vistula. Ha por lá cidades e aldeias construidas sem nenhum plano; ha escassez de estradas de leito firme; não se conhece canalização dagua, nem esgoto ou outros aperfeiçoamentos sanitarios. Tem-se a impressão — escreve um visitante daquellas regiões — de que o seculo 18 parou alli. A ordem do dia reza pois: construcção em toda linha — hoje, amanhã e annos além. Está fóra de duvida, que o excellente apparelho de organização do Partido Trabalhista Allemão Nacional-Socialista, que constitue a cellula mater da Grã-Allemanha de hoje, pela vontade do Führer e Chanceller do Reich, ha de produzir nas novas provincias orientaes allemãs, de novo, obra completa, pondo mais uma vez á prova sua pujança no terreno da formação da communidade. A educação da juventude, a questão do ensino, o instituto das ferias e dos lazeres, as reuniões nocturnas pró Patria e nacionalidade, tudo isso não constitue problema na Allemanha. Apenas um mez depois da libertação de Dantzig e Prussia Occidental, já se encontravam alli em funccionamento 700 escolas allemãs. Depois de 1.º de abril do proximo anno, quando o processo de mudança dos camponezes puder ser considerado approximadamente terminado, será introduzida, em toda parte, a obrigatoriedade do ensino, conforme esta vigora no Reich. Por ora ainda se sente a falta de numero sufficiente de professores, mas é preferivel que o trabalho siga em marcha lenta, com o auxilio de seminaristas provisoriamente empregados, do que si se mantivesse paralysado. Nas zonas ruraes do Vistula a escola do povo desempenha, dentro do quadro da população geral, um papel bem maior que qualquer gymnasio numa cidade, cujos habitantes têm apenas uma pallida idéa da luta nas zonas fronteiriças. Emfim, o merito já historico do nacional-socialismo é a orientação da vista de todo o povo em direcção a léste. Ao contemplar-se na carta geographica a parte entre o Oder e o Vistula, tinha-se sempre, de uma forma ou outra, a sensação de que alli havia algo que exigia rectificação, algo a reparar. Hoje se sabe, qual é essa missão que já se acha traçada em toda sua grandeza. Resta agora apenas metter, pratica e energicamente, mãos á ohra, para que os cartographos do anno de 2 000 encontrem uma tarefa mais simples que seus collegas de éras anteriores. Esta nova época conclusiva do povoamento allemão das regiões a léste não exclue, que o Reich continue a desempenhar tambem para o futuro seu papel importante de parceiro, no campo economico, das demais nações, dada a sua posição de primeiro paiz industrial da Europa, de columna mestre da cultura européa, de terra dos mais competentes inventores, technicos, engenheiros, constructores, chimicos e organizadores.

A Allemanha resolve a questão judaica

Ao se falar em obra integral na provincia do Vistula, não se póde deixar de apontar para as resoluções claras tomadas pela administração allemã, nas regiões occupadas, no sentido da solução inequivoca da questão judaica: os tres a quatro milhões de judeus na Polonia deverão ficar juntos. Da mesma forma que o Reich traz para casa os allemães domiciliados na Lethonia e na Esthonia, da mesma forma que chama os tirolezes do sul, fazendo, por outro lado, regressar para a ex-Polonia propriamente dita os polonezes da Prussia Occidental e de Posen, o Reich deseja que os judeus recebam um territorio proprio reservado entre Lublin e Varsovia. Com isso se offerece á Allemanha ainda a magnifica opportunidade de mandar para sua terra propria um grande numero de judeus da antiga Austria (Vienna) e de outras provincias allemãs. O judeu oriental representa na Europa um typo peculiar. Conhece-se-o hoje em Paris e Londres, em Amsterdam e Bruxellas, tão bem como em Berlim. Só que a Allemanha chegou a uma conclusão no tocante á minoria judaica. Nada se poderá objectar á creação projectada pelo Reich de uma provincia habitada sómente por judeus, a léste do Vistula. Por que então cinco milhões de judeus não poderiam cuidar alli, em paz e tranquillidade, de sua lavoura, exercendo entre si o seu commercio, dispondo de escolas proprias e editando jornaes seus, hem como dansando suas dansas populares?

Até lá ter-se-á de mostrar ainda um boccadinho de paciencia; entretanto, essa solução não é apenas imaginavel, mas tambem absolutamente convincente. Nas proprias cidades polonezas são necessarias, no momento, ainda outras medidas. São bastante eloquentes neste particular os telegrammas seguintes publicados na imprensa diaria: (T.-O. 19. 11.): „Um decreto baixado pelo governador de Varsovia, dr. Fischer, determina, que o ghetto seja separado de outros bairros da cidade por meio de barreiras e seja vigiado pela policia, por motivos de ordem economica e sanitaria, visto o ghetto ser conhecido como foco de molestias e epidemias. Além disso ficou constatado, que os judeus exploravam a situação precaria da população de Varsovia que em parte não dispunha de tecto." (T.-O. 23. 11.): „Depois de haver sido decretado, no domingo passado, a segregação do bairro judaico de Varsovia da parte restante da cidade, os judeus passaram a ter sua vida propria, separada da dos demais habitantes. E' defeso aos soldados allemães pisar no hairro judaico. Uma das razões principaes da segregação foram os numerosos encontros de objectos roubados, productos de pilhagens, como sejam joias, tapetes, moveis, ronpas, etc. e outros objectos de valor. O governador mandou apprehender todos esses objectos obtidos por meios illicitos, pois pôde ser provado, que a maior parte dos objectos desapparecidos das casas abandonadas havia tomado seu rumo ao bairro dos judeus."

Surge, porém, a questão — que não queremos analysar aqui — se os proprios judeus apreciarão a vida dentro de sua communidade. Já foi divulgado repetidas vezes, que innumeros judeus da Polonia haviam inscripto em sua bandeira a emigração para ultramar, optando sobretudo pela America, o Novo Mundo, como o alvo fervorosamente ansiado dos seus sonhos. Se permanecerão ou não na Polonia, isso em nada altera, finalmente, a ulterior marcha dos acontecimentos na Allemanha e na Europa. O que todo observador desprevenido da historia contemporanea póde constatar é que presentemente se realiza na provincia do Vistula obra integral: Mais de 10.000 jovens soldados allemães acabam de sellar com a sua vida a luta em torno do espaço vital allemão a léste, e esse sacrificio impõe um dever a toda uma nação. O velho continente europeu, em que repercute hoje o alarido guerreiro, reconhecerá logo, que a luta pela nova ordem na Europa é simultaneamente uma luta por uma verdadeira paz.

Nun wird es aber höchste Zeit,
Das Märchenspiel steht schon bereit.
Ihr müsst Euch nun die Karten kaufen
Und damit schnell zur „Lyra" laufen.
Lasst auch die Eltern mit Euch gehen

„Prinzessin Allerliebst"

zu sehen! Gemeint sind natürlich die Vorsrellungen **am Sonntag, den 10. Dezember, nachmittags 2 Uhr und nachmittags 6 Uhr und am Sonntag, 17. Dezember, nachmittags 2 Uhr, im grossen Saale der „Lyra", Rua São Joaquim 329**

Besorgt Euch heute noch die Einlasskarten zum Einheitspreise von je 2$000 in den bekannten Vorverkaufsstellen: Deutsche Apotheke, Schwedes, Rua Lib. Badaró, Deutsche Buchhandlung, Hahmann. Rua Cons. Chrispiniano 2a, Frisiersalon „Max", M. Reichel, Rua José Antonio Coelho, „Ökonom der „Lyra", Geschäftsstelle des „Bundes", Rua Santa Ephigenia 348, Zimmer 13, Willy Kerning, Rua Domingo de Moraes 136. — Am Sonntag sind auch Karten an der Theaterkasse zu haben

B. d. S. R.

Bund der schaffenden Reichsdeutschen
(União Beneficente e Educativa Allemã)

VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.
Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178
Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

SOCIEDADE TECHNICA
BREMENSIS
LTDA.
STAMMHAUS:
São Paulo - Rua Florencio de Abreu Nº 139

Maschinen u. Werkzeuge
fuer Metall-, Blech-, und Holzbearbeitung, Elektr. Schweissmaschinen, Pumpen "Weise" Feuerloescher "Minimax", Schleifscheiben "MSO", "Alpiae" Staehle, Elektrowerkzeuge "Fein". Landwirtschaftliche Maschinen.

Graphische Maschinen u. Materialien
jeder Art. Maschinen fuer Papierverarbeitung und Kartonnageindustrie, Druckerei-Materialien, "Intertype" Setzmaschinen. Vertrieb der Erzeugnisse der Schriftgiesserei "Funtymod". Moderne Reparaturwerkstaetten, Messerschleiferei, Walzengiesserei.

Elektro Materialien
Groesstes Lager aller Installationsartikel. Draehte, Kabel, Motoren, Dynamos, Schaltapparate, Elektrische Haushaltsartikel, Beleuchtungsglaeser, Lampen. Staubsauger und Bohnermaschinen "Progress".

Feld- u. Eisenbahnmaterial
Alleinverkauf der Erzeugnisse der Orenstein & Koppel A. G. Dieselmotorlokomotiven, Strassenwalzen, Bagger. Grosser Stock von Feldbahnmaterial und Schienen. Diesel-Fahrgestelle fuer Lastwagen und Omnibusse "Buessing-NAG".

Cliché Fabrik
Autotypien, Strichaetzungen, Mehrfarbenclichés Ia hoechster Vollendung, Entwuerfe, Zeichnungen, Retuschen, Photolithos. Groesste Anstalt Suedamerikas.

Abteilung Auto-Union
DKW — WANDERER — HORCH
Automobile
DKW Motorraeder
Ausstellungsraeume und Reparaturwerkstaette
São Paulo - rua Ypiranga, 114-118

Filialhaeuser:
RIO DE JANEIRO - CURITYBA - RECIFE

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
IMPORT - EXPORT - VERTRETUNGEN
LARGO DO OUVIDOR 2
SÃO PAULO

Baumaterial
Salz — „BRILHANTE" und „THEWICO"
Glatter Draht und Stacheldraht — „THEWICO"
Sämtliche Düngemittel — besonders „RHENANIA-PHOSPHAT"
Maschinen für sämtlichen Bedarf
Hydraulische Widder — „JORDÃO"
Waagen aller Art — „THEWICO"
Eisenbahnerersatzteile — „RUHRSTAHL"
Lokomotiv-Drehscheiben usw. — „VOEGELE"
Lokomotiven, Strassenwalzen usw. „HENSCHEL"
Turbinen und Maschinen für Papierfabrikation — „VOITH"
Feuerlösch-Geräte — „FLADER", „METZ" „WINTRICH" usw.
Landwirtschaftliche Maschinen und Traktoren „CASE"
Schmieröle und Fette — „GARGOYLE-MOBILOEL"
Drahtlose Stationen — „LORENZ"
Gefrieranlagen — „FREUNDLICH"
Nähmaschinen „PFAFF"
Flugzeuge aller Typen
Kräne — „ARDELT"
Schiffe jeder Art — „HOWALDT"
Schiffsmotore — „DIESEL" — „DWK"
Autoreifen und Schläuche „CONTINENTAL"
Mühlen für Reis und Mandioka — „STRECKEL & SCHRADER"

Generalagenten der
Hamburg-Südamerikanischen Dampfschifffahrts-Gesellschaft
und der
Cia. Internacional de Seguros

Wer sein Geld stets in der Tasche trägt, gibt es aus.

Legen Sie jeden Monat nur einen kleinen Betrag auf

Sparkonto

an, so erleichtern Sie sich das Sparen, und das zurückgelegte erhöht sich um Zins- und Zinseszinsgewinn.

Banco Germanico
da America do Sul
São Paulo

R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda)
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5
Santos, Rua 15 de Novembro 114

Klöfler Registrierung aller Ausländer — Pässe — Identitätskarten — Aus- und Rückreise-Visums — Übersetzungen werden schnell und billig besorgt
Rua Formosa 433, sobr. (bei der Post)

KRANK?

Dann lassen Sie sich

homöopathisch

behandeln. — In dem

Dispensario Homöopathico São Paulo
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 9—18,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos

unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.

(Neben der homöopathischen Apotheke Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

Wir fordern Reims zur Übergabe auf

Rudolf G. Binding / Erschienen bei Rütten & Loening Verlag, Potsdam

Am 2. September neunzehnhundertundvierzehn forderten ein junger Hauptmann und und ein kriegsfreiwilliger Unteroffizier, wie es deren damals viele in der deutschen Armee gab, die französische Stadt Reims zur Uebergabe auf.

Der Krieg, der nachdem mehr als vier Jahre die Welt erschütterte, war in diesen Tagen noch jung. Ein unvergleichlicher Vormarsch von Sieg zu Sieg, von Stadt zu Stadt, fast hemmungslos, beschwingte die deutschen Armeen. Die Soldaten trugen noch die Blumenkränze und Laubgewinde auf den Helmen, mit denen sie die Heimat beim Auszug geschmückt hatte. Waren die Kränze auch im Brand der Augustsonne und im Staub der Märsche längst verwelkt, so waren sie noch frisch als Gabe und Andenken in der Erinnerung der Männer, wenn sie unter ihnen dahinschritten. Die Lippen der Jünglinge waren für immer gezeichnet von den stürmischen Küssen der Mütter und Mädchen, mit denen sie die Ausziehenden weihten und Gott befahlen. Die Jugend eines ganzen Volkes glühte in allen. Mann und Offizier waren in gleicher Weise entflammt.

In dieser Verfassung traf die deutschen Heeressäulen, die in nicht gebrochener Folge, Armee hinter Armee, gleich einem riesenhaften gegliederten Pfeil an der linken Flanke des Gegners vorbei ihren Weg durch Belgien genommen hatten und die französischen Streitkräfte bis in den Norden von Paris überflügelten, der Befehl, den Vormarsch nicht mehr in dieser Richtung fortzusetzen. Die Umfassung des Feindes schien zu genügen. Die neuen Stossziele der deutschen Heere lagen im Innern Frankreichs. Die ersten grossen Schlachten wurden geschlagen. Nach der Schlacht von St. Quentin erhielt die siegreiche Zweite deutsche Armee die Marschrichtung auf Paris.

*

Am Abend des 1. September las ein junger Hauptmann, wie es seine Pflicht war, den Armeebefehl. Er war der Rangliste nach der jüngste Hauptmann im Generalstab der Armee und als solcher dem Stab des Gardekorps zugeteilt, das dem Verband jener Zweiten Armee angehörte, deren Marschziel Paris war.

„Das Gardekorps", liest der Hauptmann, entsendet einen Parlamentär nach Reims und fordert die Festung zur Uebergabe auf."

Der Hauptmann hält inne. Er erschrickt in sich. Er kann mit Sicherheit annehmen, dass ihm der Auftrag zufallen werde. Man weiss dass er des Französischen mächtig ist. Das genügt fast. Die anderen Offiziere des Stabes sind ihm, soviel er es beurteilen kann, darin unterlegen. Der Kommandierende General ist nicht der Mann, erst lange bei den Truppen nach einem Geeigneteren Umschau zu halten, der diesen Auftrag übernähme. Er macht keine Umschweife. Er schickt den ersten besten. Der junge Generalstabsoffizier aus seinem Stab ist der erste beste.

Das sieht der Hauptmann schnellen Blickes und heissen Wunsches voraus. Und er erschrickt von neuem. Er erschrickt vor Freude und Verantwortung.

Er ist daher auch nicht im mindesten erstaunt, als der Kommandierende ihn noch in der Nacht zu sich befiehlt. „Sie fordern morgen Stadt und Festung Reims zur Uebergabe auf, Herr Hauptmann", sagt der Kommandierende General. Er legt diesen Worten nicht mehr Gewicht bei, als wenn er den Offizier beauftragte, den Gouverneur der Stadt freundschaftlich zu einem Frühstück einzuladen. — „Eine Vergnügungsfahrt, um die Sie mancher beneiden wird."

Der Generalstabsoffizier schweigt. Es könnten Bedingungen der Uebergabe gemacht werden, es könnten Verhandlungen nötig werden, hat er sich überlegt, Reims preiszugeben! Nur die Hauptstadt Frankreichs kann sich an Würde, Ruhm und Glanz ihm vergleichen. Er fordert nicht nur die Uebergabe einer befestigten Stadt, er fordert ein Juwel des Landes.

Er nimmt nach seiner Art die Dinge nicht schwerer als sie sind. Auch er kommt sich beneidenswert vor. Aber sein Auftrag scheint ihm zugleich verantwortungsvoll und gross. Wenn er misslingt kostet es deutsches Blut. Ob er eine schriftliche Legitimation für seinen Auftrag erhalte, fragt der Generalstabsoffizier, der seiner Sendung alles Gewicht zu geben wünscht das ihr zukommt.

Der General schreibt nicht gern. Ein schriftlicher Ausweis scheint ihm für eine Vergnügungsfahrt, als welche er die seinem Offizier zugedachte nun einmal ansieht, zu viel. „Ich denke, ein preussischer Hauptmann ist vor dem Feinde Legitimation genug" sagt er, im jungen Schwung der Begeisterung dieser Tage. „Und eine bessere, auf die Sie sich berufen können, haben Sie hinter sich: die deutschen Geschütze."

Der Hauptmann salutiert. Er solle sich alles Erforderliche, was das Kriegsrecht für einen Parlamentär vorschreibt, selbst besorgen, „die weisse Fahne, den Trompeter und so", sagt der General obenhin. Ohne seine Druckvorschriften, die den Vormarsch nicht mitmachen, weiss er in diesen Dingen nicht ganz Bescheid.

*

Am Mittag des folgenden Tages hält ein kleiner, tapfer aussehender Benzwagen mit einem Offizier des Freiwilligen deutschen Automobilkorps auf dem Vordersitz und einem Fahrer neben ihm am Steuer vor einem Haferfeld, in dem das Generalkommando des Gardekorps auf dem Vormarsch in der Richtung nach Reims einen flüchtigen Halt gemacht hat. Daneben steht mit einer zusammengewickelten weissen Fahne in der Hand — einem bäuerlichen französischen Bettuch, das man an einer Lanze befestigt hat — ein junger Kriegsfreiwilliger, ein zum Stabe kommandierter Meldereiter, ein Infanteriehorn auf dem Rücken. Dieser Kriegsfreiwillige hat sich eben in der Schlacht von St. Quentin seine erste Auszeichnung, die Unteroffizierstressen, aus dem Feuer geholt, und ihn hat der Hauptmann ausersehen, den Träger der weissen Fahne und den Trompeter bei seiner Fahrt zu machen. In den Wochen des Vormarsches, bei der Berührung mit der Bevölkerung des Landes, bei den Verhandlungen mit den Bürgermeistern der Orte und bei mancher anderen Gelegenheit hat der Hauptmann bemerkt, dass der kriegsfreiwillige Meldereiter ebenso gut Französisch spricht wie er selber — vielleicht noch besser. Und sein eigenes Französisch kann sich unter Franzosen hören lassen.

„Sie können doch blasen?" hat der Hauptmann nur kurz gefragt. „Verschaffen Sie sich eine Trompete. Es muss ein Trompeter dabei sein."

Der Kriegsfreiwillige fragt nicht, was es zu blasen gilt. Er braucht eine Trompete. Das ist in der ganzen Armee nicht vorgesehen. Aber er braucht sie doch. Er braucht sie wie sein Leben. Er läuft die ganze Nacht und den halben Morgen bei allen Truppenteilen danach herum. Kein Hornist, kein Trompeter will ihm sein Instrument lassen. Er läuft viertelstundenlang neben den marschierenden Truppen her. Endlich erbarmt sich ein Offizier, dem seine Beharrlichkeit gefällt. „Wenn du mir später einmal erzählst, was du den Franzosen bei Reims geblasen hast", sagt er und befiehlt einem seiner Hornisten, dem Kriegsfreiwilligen das Horn abzugeben.

So steht denn der Freiwillige wohlgemut und zuversichtlich mit seiner Parlamentärsausrüstung und im Schmuck seiner jungen Tressen neben dem an der Strasse haltenden Wagen. Und wenn die goldenen Unteroffizierslitzen auch nur halb um den Kragen gehen — denn sie sind fast ebenso wie das Horn von einem Kameraden erbettelt, der

Confeitaria Viennense

Aeltestes und vornehmstes Haus
Nachm. und abends gutes Konzert
Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETININGA 239 - S. Paulo

Dralle Birkenwasser, das "non plus ultra" aller Haarpflegemittel

Vor
Annahme falschen Geldes
schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr
Eröffnen Sie ein Konto beim
Banco Allemão Transatlantico
RUA 15 NOVEMBRO 268
und zahlen Sie Ihre Rechnungen
per Scheck!

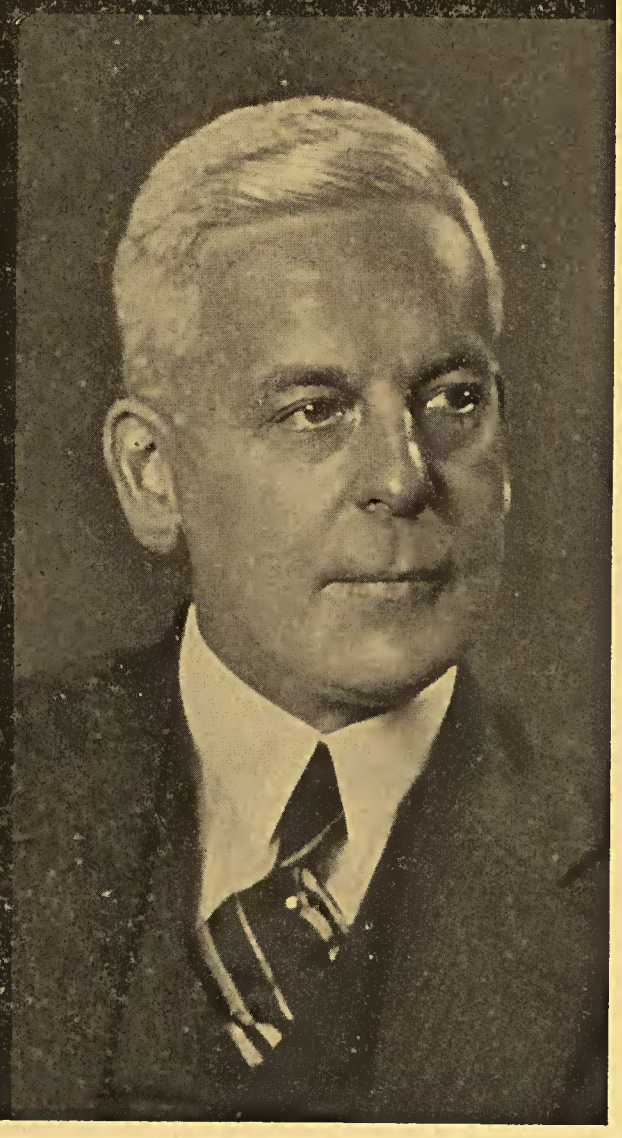
Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

Dres. Lehfeld und Coelho
Dr. Walter Hoop
Rechtsanwälte
São Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,
Telef.: 2-0804 — 2. Stock, Zim. 11—16 — Postfach 444

Dr. Max Rudolph
Allgemeine Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe
Röntgen-Bestrahlungen
Consult.: Praça Ramos de Azevedo 16, II., Tel. 4-2576
Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337
Sprechstunden von 3—5, Sonnabends von 11—1 Uhr

Dr. Mario de Fiori
Spezialarzt für allgemeine Chirurgie
Sprechst.: 2—5 Uhr nachm., Sonnabends: 2—3.
Rua Barão de Itapetininga 130 - II. andar - Tel. 4-0038

Gepflegte Menschen



haben nicht nur ein sympathisches und gesundes Äußeres, wozu auch schönes, volles Haar gehört, sondern sie sind auch von einem feinen Duft des Gepflegtseins umgeben. Diese wunderbare Note von Gesundheit und duftender Frische erhält das Haar durch das Naturprodukt
Dr. Dralle's Birken-Haarwasser
Überall zu haben
Dralle

Dr. Erich Müller-Carioba
Frauenheilkunde und Geburtshilfe
Röntgenstrahlen — Diathermie
Ultravioletts trahlen
Kons.: R. Aurora 1018 von 2-4,30 Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua Groenlandia Nr. 72. Tel. 8-1481

Dr. G. H. Nick
Facharzt
für innere Krankheiten.
Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr
Rua Libero Badaró 73, Tel. 2-3371
Privatwohnung: Telefon 8-2263

Erwin Schmued
Dentist
Umgezogen nach
Largo Santa Ephigenia 1
3. Stock, App. 32
(Eingang von der Brücke)
Sprechstunden
von 8.30—18.30 Uhr, Sonnabends: bis 12 Uhr mittags

Deutsche Apotheke
Ludwig Schwedes
Rua Libero Badaró 45-A
São Paulo / Tel. 2-4468

Deutsche Apotheke
in Jardim America
Anfertigung ärztlicher Rezepte, pharmazeutische Spezialitäten — Schnelle Lieferung ins Haus.
RUA AUGUSTA 2843
Tel. 8-2182

die seinen mit ihm teilte, und hinten fehlt eine gute Spanne — so zeigen sie doch seine Charge und der Kriegsfreiwillige ist stolz auf sie in der Erinnerung, wie er sie sich verdient hat. Er erwartet den Hauptmann.

*

Dieser hält es — da die deutschen Streitkräfte in der Nacht und im Laufe des Vormittags sich genügend nahe an Reims herangeschoben haben, um der Forderung, dass die Festung übergeben werde, Nachdruck zu verleihen — an der Zeit aufzubrechen. Er tritt, gefolgt von einem ganzen Schwarm scherzender Kameraden des Stabes, die dort herumgestanden haben und ihm gute und weniger gute Ratschläge oder übermütige Wünsche mit auf den Weg zu geben für recht finden, Kartentasche und Fernglas lässig in der Hand, die Pistolentasche über den Mantel geschnallt, mit einem fröhlichen und sich befreienden „Also los!" auf seinen Fahnenträger zu, den er mit einer Kopfbewegung auffordert, mit der Fahne als erster seinen Platz einzunehmen. Da bemerkt er dass sich ausser ihm noch ein anderer von den herumstehenden Offizieren in ähnlicher Weise verabschiedet.

Der Generalstabsoffizier hält, nicht wissend was sich entwickeln werde, in seiner Bewegung inne. Der sieh dort aus einem Knäuel von Offizieren unter lauten Reden und Zurufen Verabschiedende kommt jetzt rasch und geradenwegs auf ihn losgeschritten.

Er trägt einen mächtigen Kavalleriesäbel mit einem etwas altertümlichen Korb an seiner Seite und gewissermassen neben sich her, indem er ihn am Griff sorgsam ein wenig hochhebt.

Es ist der Adjutant und persönliche Liebling des Kommandierenden Generals, ein Offizier von nie getrübter guter Laune und der fröhlichsten Unbeschwertheit, dem der Krieg ganz nach seinem Herzen ist. Er hat von seinem Grossvater dessen Säbel und eine sehr lebhafte rote Gesichtsfarbe geerbt, die er ohne Bedenken und, man darf annehmen, ohne eigentliche Absicht durch viel Tabak und gehörigen Wein in langen Friedensjahren nachräucherte und nachdunkelte. Er verehrt den Säbel seines Grossvaters, der der erste Gouverneur von Metz gewesen war und bei der Einnahme dieser Festung eine entscheidende Rolle gespielt hat, als die einzige Waffe die ihm ansteht und den Sekt als das einzig vollwürdige Getränk für einen Offizier. Er tut es mit der ganzen Ueberzeugung, zu der er seine beiden Neigungen dadurch erhebt, dass er sie in sich vereinigt.

*

Als der Hauptmann diesen Mann erblickt, wie er mit seinem Säbel in der Hand und seiner guten Laune auf dem Gesicht ihm und dem Wagen zustrebt, muss er lachen. „Sind Sie nun der Parlamentär?" fragt er belustigt und doch nicht ganz ohne Grund. Denn der Rittmeister, an den er die Frage richtet, ist dem Range und den Jahren nach bedeutend älter als er. Er hat seinen Ehrgeiz und seine Meriten. Nur dass der Kommandierende ihn als Parlamentär ausersehen würde, kann der Hauptmann nicht glauben.

„Nein! nein!" ruft der Rittmeister begütigend und lachend mit verneinender Handbewegung: „Sie sind der Parlamentär! Ich fahre nur zum Staat mit. Sie müssen doch zugeben dass ich dabei sein muss."

Das muss der Hauptmann in gewisser Weise zugeben, aber in gewisser Weise auch nicht. Seit Generationen hat das Geschlecht dessen Name der Rittmeister trägt, die Armee mit Offizieren versorgt. Sein Geschlecht hat sich bei allen Gelegenheiten hervorgetan oder jede Gelegenheit wahrgenommen sich hervorzutun. Nun soll er nicht dabeisein, wenn man Reims zur Uebergabe auffordert? Er würde sich das sein Lebtag nicht vergeben. Aber dem Hauptmann fällt doch bei dass er

Bücher Zeitschriften Zeitungen
in allen Sprachen, aus allen Gebieten
liefert
Conrad Behre, Ueberseeische Buchhandlung
Hamburg 1 Dornbusch 12
Kataloge jederzeit kostenlos und unverbindlich. — 25 Prozent Preisnachlaß bei Lieferungen ins Ausland. — Bank: Deutsche Bank, Filiale Hamburg.

es nicht zugeben dürfe, wenn sich ein noch so verdienter Offizier ohne eine andere Legitimation als die welche der Adjutant für sich in Anspruch nimmt in eine ihm, dem Hauptmann allein übertragene und an kriegsrechtlich strenge Formen gebundene Mission einreihe. Der Rittmeister muss eben nicht dabeisein.

Solche Erwägungen durchblitzen den Hauptmann. Aber es findet sich keine Zeit zu einer Erörterung oder zu irgendeinem Einwand. Wer könnte es in der Begeisterung jener Tage einem Kameraden abschlagen, sich mit in eine Gefahr zu begeben? Und als jetzt der Rittmeister dem Hauptmann wie zur Versöhnung die Rechte hinhält und ihm treuherzig zuraunt: „Ich habe mir nämlich den freien Platz im Wagen neben Ihnen vom Kommandierenden General selber ausgebeten", würde der Hauptmann nur seine eigene Mission in Frage stellen wenn er weiter zögerte.

„Dann also los!" sagt er. Der Rittmeister sinkt, den geliebten Säbel wie zur Bekräftigung neben sich auf den Boden des Wagens stossend, schwer und glücklich in den linken Hintersitz, der Hauptmann nimmt den rechten ein, vor ihm sitzt, auf dem kleinen Hilfssitz, die Lanze mit der weissen Fahne fest in der Hand, der Kriegsfreiwillige.

Unter den Zurufen der Kameraden die ihn umstehen springt der Wagen mit Heftigkeit in seinen Gang. „Es wird mir niemand verwehren, der erste Deutsche zu sein, der in Reims eine Flasche Sekt trinkt", ruft der Rittmeister, schon in Fahrt, mit Ueberzeugung und blickt eifrig geradeaus.

*

Sie fahren als ob es wirklich eine Vergnügungsfahrt sei, wie es der Kommandierende General genannt hat. Als bei Berry-au-Bac der Wagen über die Brücke des Flusses schnellt, entreisst sich ein plötzliches „Hurra!" den Kehlen der fünf Männer. Mit Jauchzen fegen sie über die Brücken in das Bereich der rings auf den Höhen liegenden Forts. In den Ortschaften begrüssen die Einwohner sie mit jubelnden Zurufen. Die Deutschen sehen sich erstaunt an.

„Ah! les Anglais!" schallt es hinter ihnen her.

„Les Russes! les Russes! Soyez les bienvenus! Les Russes! les Russes!" Sehen sie denn wie Russen aus, dass man sie als solche willkommen heisst? Ihre leichten Mützen richten sich im Winde auf und geben ihnen vielleicht ein etwas verändertes Aussehen. Aber immer wieder: „Les Russes! les Russes!" Winken und Zurufe.

Denn die Einwohner der Dörfer glauben nicht anders als dass die Nachrichten der französischen Zeitungen jener Wochen die Wahrheit seien: die Russen seien in ununterbrochenem Vormarsch und hätten Berlin erobert. Sie halten die Deutschen für die ersten Vorboten des herannahenden Bundesgenossen.

Vergeblich ist die Ausschau der Deutschen nach irgendwelchen Befestigungen; keine Verteidigungswerke, keine Besatzung oder Bestückung der Forts ist zu sichten. Dort herrscht tiefster Frieden. Bei jedem Halt, den der Generalstabsoffizier anordnet um, im Wagen stehend, sein Fernglas über die Gegend schweifen zu lassen — und er tut es nicht ohne Grund, denn da ihm der Feind nicht die Augen verbindet, will er noch etwas sehen — muss er es ohne Ergebnis wieder absetzen. Nicht einmal Truppen sind unterwegs. Keine Waehe an keiner Strasse. Keine Besetzung einer Brücke, eines Bahnhofs, eines hervorragenden Punktes lässt sich sehen oder scheint je dagewesen. Die weisse Fahne flattert unbeachtet im Wind.

*

Sie haben jetzt links Weinberge von mässiger Höhe im Blaugrün ihres Laubes vor sich; droben an der langgezogenen Bergterrasse zeigt sich der weisse Kalk in waagrechten Schichten. In der Ebene fliesst der Fluss und läuft die Strasse.

Endlich — nahe der Stadt — trabt eine Husarenpatrouille sorglos vor ihnen her. Sieben Reiter. Sie reitet der Stadt zu. „Anblasen!" befiehlt der Hauptmann. Der Kriegsfreiwillige greift nach dem Horn, richtet sich im Auto auf und bläst.

Er blies sie mit dem Rufe „Hirsch - tot" an. Er blies sie an als sei's ein fröhliches Jagen. Denn er kennt nur dieses und ein paar andere waidgereehte Signale und weiss nicht, auf welchen Hornruf in der Welt eine französische Husarenpatrouille deutschen Parlamentären stehen würde.

Aber die Patrouille steht. Es gibt erst ein Köpfewenden und unschlüssiges Einanderzurufen; dann steht die Patrouille. Der Führer, ein Sergeant, kommt herum, hält an dem nun haltenden Wagen, grüsst militärisch und macht ein erwartendes Gesicht.

„Wir sind Parlamentäre", erklärt der Hauptmann; „führen Sie uns zum Gouverneur von Reims."

„De quelle nationalité?" fragt der Sergeant, noch immer im unklaren, wen er vor sich hat.

„Allemands."

„Sabre blanc!" kommandiert der Franzose und heraus fahren die Säbel seiner Leute. Im Wagen legt der Rittmeister die Hand an den Griff seiner ehrwürdigen Waffe, um zu ziehen. Es entsteht ein erregter Augenblick wie vor zischenden Hieben. Aber die Franzosen setzen die Säbel auf die Schenkel und „fassen das Gewehr an". Während der Sergeant den Revolver zieht, mit ihm in der Luft herumdeutet und seine Husaren zu einer Eskorte vor und hinter dem Wagen zu dreien ansetzt, fragt ihn der Hauptmann fast streng, ob er seine Instruktion kenne. Denn sind die Deutschen auch bis hierher mit unverbundenen Augen gefahren, so erwarten sie doch als Parlamentäre im Angesicht einer feindlichen Festung der Genuss des Sehens zeitweilig beraubt zu werden. Aber die Eskorte setzt sich in Bewegung; mit unverbundenen Augen, als ob sie mit einem Ehrengeleit eingeholt würden, fahren die Deut-

CASA TURF

Rua Direita 119

Das deutsche Haus für feine Herren-Artikel

JENKE & SCHAEFFTER

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente und Zubehör, feinmechanische Werkstätten

OTTO BENDER

Rua Sta. Ephigenia 80 - Telefon 4-4705

Zeichenmaterial A. Nestler, Lahr und Gebr. Haff, Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten Vermessungsinstrumenten.

Deutsche! Wartet nicht bis zum letzten Moment, um euren Aufenthalt im Lande nach dem neuesten Dekret zu legalisieren und die vorgeschriebene Registrierung vorzunehmen. Dies besorgt billig und absolut zuverlässig:

„A Informadora" Predio Pirapitinguy, R. João Briccola 10, 9. St., Säle 932/33.

Dort werden ebenfalls Aus- und Rückreise-Visums besorgt.

„Zum Hirschen" Hotel und Restaurant

Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561

São Paulo — Inh.: Emil Russig

Anzüge macht gut und billig

Henrique Dietsch

Av. S. João 345 - App. 2 - Tel. 4-3196

Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt

„Saxonia"

Annahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396

und Fabrik: Rua Barão de Jaguara 980. Tel. 7-4264

Das schönste

Weihnachts-Geschenk

ein deutsches Fahrrad

Automobile / Motorräder / Fahrräder

Willi Hosang / São Paulo

Caixa postal 3168 / Telephon: 4-3825 und 4-2451

Farben - Lacke - Pinsel

und alle übrigen Bedarfsartikel

für Hausanstrich und Dekoration

Emilio Müller, R. José Bonifacio 114

Jorge Dammann

Deutsche Damen- u. Herrenschneiderei. Große Auswahl in nat. u. ausländ. Stoffen. R. Ypiranga 193, Tel. 4-2320

Josef Hüls

Erstklassige Schneiderei. — Mäßige Preise. — Rua Dom José de Barros 266, sobr., São Paulo, Telefon 4-4725

Hugo Lichtenthäler

Rua Aurora Nr. 135

Aeltestes deutsches Möbelhaus

Grosse Auswahl in kompl. Zimmern u. Einzelmöbeln. Auch TAUSCH und KAUF von gebraucht. Möbelstücken

WERKSTATT

WENDEN SIE SICH VERTRAUENSVOLL AN UNS, WENN IHRE

SCHREIBMASCHINE

gleich welcher Marke, schlecht funktioniert oder einer Reinigung bedarf. Garantiert fachmännische, schnelle u. preiswerte Arbeit durch geschultes Personal

Olympia Machinas de Escrever Ltda.

São Paulo — Praça da Sé 43 / Tel. 2-1895

Rio de Janeiro — Rua Benedictinos 21 / Tel. 43-6311

CONDOR FLUGDIENST

PASSAGIERE

POST

FRACHT

Telegr. AERONAUTA

Succursal — Telef: 2-7919 — S. PAULO: r. Alvares Penteada, 8

Agentur — Telef.: 5001 — SANTOS: r. 15 de Novembro, 19

João Knapp

Klempnerei, Installation.

Registr. Rep. de Aguas und Esg. — Rua Mons. Passalaqua 6. Telefon 7-2211.

Deutsche Schuhmacherei

Rua Sta. Ephigenie 225

Ausführung aller ins Fach schlagenden Arbeiten

Hermann Radelsberger

(frueher Heinrich Lutz)

Familienpension

CURSCHMANN

Rua Florencio de Abreu 133, Sobr. (bei Bahnhof)

Telephon: 4-4094

schen, dem räumigen Trab der Reiter folgend, durch die Vorstädte und Festungswerke von Reims.

*

Sie fahren zwischen Kasernen durch, sie sehen, dass die Festung nicht armiert ist, sie erblicken das Bild eines friedlichen Garnisonlebens: badende Soldaten, alte Garnituren der Mannschaften auf den Leinen nach der üblichen Wäsche, dahinschlendernde Unteroffiziere, Soldaten in Kneipen und Kantinen, die unbesorgten Wachmannschaften, das Fehlen jeder Verteidigung. Nur in den Kasernen wimmelt es von umherstehenden Rothosen, aber alles fühlt sich weit vom Schuss. Das und noch anderes sehen die Deutschen. Sie können nicht umhin es zu sehn, obgleich es ihnen kaum etwas verrät.

Da plötzlich — wie im Winde vor ihnen hergetragen — kommt eine Erregung in die Bevölkerung, die ihnen noch eben verständnislos nachgegafft hat. Das Gerücht läuft ihnen voraus. Die jubelnden Rufe sind längst verstummt.

Deutsche! heisst es. Gefangene deutsche Offiziere! heisst es. Falsche Parlamentäre! heisst es. Parlamentäre mit offenen Augen! heisst es. Sie missbrauchen die weisse Fahne! heisst es. Man kennt das! Die Schänder Belgiens —.

Eine fürchterliche Empörung steigt auf. Der Vorgang ist nur zu begreiflich. Dort sieht man sie von den Husaren in die Mitte genommen: gefangen, wie man sie ertappt hat.

Das Volk drängt sich heran. Jeder will seiner Empörung, seinem Abscheu Luft machen. Der Sergeant, der neben dem Wagen reitet und sein Bestes tut die Menge abzuhalten, wird in seiner Abwehr von Tätlichkeiten nicht verstanden. Die Bewohner der nördlichen Vorstadt sind nicht zärtlich. Bald fliegen die Wurfgeschosse: kantige Blechbüchsen mit zerrissenen Rändern, Steine und stinkendes Obst. Eine Faust fährt dem Rittmeister mitten ins Gesicht. Die Hand des Kriegsfreiwilligen, die den Lanzenschaft der Fahne fest umklammert hält, ist das Ziel von Stockhieben und Faustschlägen.

Und das erstemal erfahren die Deutschen, welche Greueltaten, die sie beim Vormarsch durch Belgien begangen haben sollen, man deutschen Soldaten nachsagt.

„Eure Soldaten haben Geiseln von den Städten gefordert und ihnen die Augen ausgestochen! Eure Soldaten haben Kindern die Hände abgeschlagen! Eure Soldaten haben Frauen und Mädchen geschändet! Eure Soldaten haben nährenden Müttern die Brüste verbrannt! Eure Soldaten haben wehrlose Bürger ohne Verfahren zu Hunderten erschossen! Eure Soldaten haben Frauen und Greise des eroberten Landes vor sich hergetrieben, um das feindliche Feuer von sich abzulenken! Eure Soldaten haben englische Offiziere gekreuzigt!"

So schreit und speit die erregte Bevölkerung den Deutschen ins Gesicht. Es gibt kein Verbrechen das ihren Landsleuten nicht nachgesagt wird. Nur der Kriegsfreiwillige, kindlich fast in der Aufwallung gegen die Deutschland angeworfene Schmach und die Verleumdung unbekannter Kameraden, versucht einen ohnmächtigen Widerstand. Als ob er die Wut der Menge übertönen, zur Ruhe läuten könne, schallen seine Rufe, wechselnd in beiden Sprachen, wie die eines Märtyrers zwischen seinen Schmerzen: „Wir Deutsehen nicht! wir nicht! — Nos soldats, ah! jamais! — Wir Deutschen nicht! — Nos soldats, ah! jamais!" — Aber sie glauben dem Schwarz ihrer Zeitungen mehr als der reinen Stimme eines Unschuldigen. Wo nicht der den Wagen beständig umreitende Sergeant mit dem Leib seines Pferdes und mit seiner Waffe die Bedränger abwehrt, sind die Deutsehen das Opfer der Menge: manchen Hieb, manchen Wurf nimmt er hin, die den Feinden zugedacht waren.

*

Endlich landet der Wagen unter der Bedeckung der Husaren auf einem kleinen freien Platz. Es ertönen Kommandos. Die Eskorte macht die Front des Wagens frei. Ein Zug Infanterie, von einem Offizier befehligt, fällt in Stellung vor dem Auto das Bajonett. Die Menge klatscht dem Schauspiel und der Haltung ihrer Soldaten begeistert Beifall und wird von aufgestellten Posten zurückgehalten.

Die Deutschen werden von einer Wache aus dem Wagen herausgenötigt, eine Treppe hinaufgeführt und finden sich in einer Schulstube, die das Geschäftszimmer eines offenbar hier rasch hergeworfenen Regimentsstabes abgibt. Man behandelt sie mit aller militärischen Achtung. Man lässt ihnen Zeit, Atem zu schöpfen; sie wissen, nach allem was vorangegangen ist, kaum wie ihnen geschieht.

Dann erscheint der Oberst des Regiments. Er ist ein Mann von vollendeter Schönheit und einem ebenso vollendeten Anstand. Sein Auftreten und seine Bewegungen sind einfach, ritterlich und gewinnend. Der französische Oberst grüsst den deutschen Hauptmann neben seiner weissen Fahne, die der Kriegsfreiwillige im Arm hält.

„Was ist Ihre Botschaft?" fragt der Oberst kurz.

Offiziere, die mit ihm eingetreten waren, stehen regungslos hinter ihm.

„Ich habe eine Botschaft an den Gouverneur von Reims."

„Der Gouverneur ist nicht zu sprechen. Ich werde ihm Ihre Botschaft übermitteln."

„Dann werde ich also die Ehre haben, Ihnen die Botschaft so zu überbringen als seien Sie der Gouverneur von Reims", sagt der Hauptmann nach einigem Bedenken.

„Vollkommen!" erwidert der Oberst.

Kein Laut rührt sich. Allen ist heiss in dem Raum, dessen Fenster geschlossen sind. Der Hauptmann hebt langsam seine Hand zum Rand der Mütze empor. Auch der Oberst, der die Botschaft entgegennimmt, hebt den Arm; aber er führt die Bewegung nicht ganz aus, da der Hauptmann zu sprechen beginnt.

„Ich habe den Auftrag", ertönt die Stimme des Hauptmanns, „im Namen des Kommandierenden Generals des Gardekorps, Freiherrn von Plettenberg, die Stadt und Festung Reims zur Uebergabe aufzufordern."

Niemand regt sich. Es klingt feierlich und drohend. Er findet es selbst, der Hauptmann. Es klingt fremd und demütigend. Es klingt unerträglich und unerhört im Ohr der Offiziere.

Die Franzosen warten. Hat der junge Hauptmann noch mehr zu sagen?

„Es geschieht, um der Stadt die Beschiessung durch unsere Geschütze und die Einäscherung zu ersparen", sagt der Hauptmann, nach einem versöhnlichen Fortgang seiner Worte suchend. „Ich setze eine Frist bis siebeneinhalb Uhr heute abend zur Annahme der Forderung."

Die Botschaft ist beendet. Die Hände sinken.

„Haben Sie eine Vollmacht, einen schriftlichen Ausweis für Ihre Person und für die Herren die Sie begleiten?" fragt der Oberst.

„Sie werden einem Offizier der deutschen Armee glauben, wenn er auf sein Wort versichert, in dieser Mission vor Ihnen zu stehn."

„Mir genügt Ihr Wort, Herr Hauptmann. Aber es könnten über diese Frage andere Meinungen bestehn —" erwidert der Oberst und bricht ab.

Es ist der Kommandeur des vierundneunzigsten französischen Infanterieregiments, Oberst Margot.

*

Die Stunden bis zum Ablauf der gesetzten Frist vergehen den Deutschen in Ungeduld. Sie fühlen sich nach der letzten Aeusserung des Obersts nicht mehr ganz sicher. Der Gouverneur, heisst es, sei nicht in der Stadt, sei ausgeritten, stehe nicht zur Verfügung. Diese Meldung erstattet ein Generalstabscapitaine, den die von dem Obersten nunmehr sorgsam schriftlich niedergelegte Uebergabeforderung zur Behändigung an den Gouverneur überreicht ist.

Die Frist dehnt sich fast zu ihrer Erschöpfung. Wenige Minuten vor siebenundeinhalb erscheint der Generalstabscapitaine wieder und

Christbaum- ★ ★ Feingebäck

gebacken nach folgendem Oetker-Rezept:

Zum Teig: 500 g Mehl, 1 Paeckchen Dr. Oetkers "Backin", 200 g Zucker, 1 Paeckchen Dr. Oetkers Vanillinzucker 2 Eier. 4-6 Essloeffel Milch, 100 g Butter

Zubereitung des Teiges: Das mit dem "Backin" gemischte Mehl wird auf das Backbrett gegeben und zu einem Kranz auseinandergezogen. In die Mitte gibt man Zucker, Vanillinzucker, die ganzen Eier und die Milch und verruehrt diese Zutaten mit dem Messerruecken zu einer glatten Masse. Die kaltgestellte Butter wird stueckweise hineingepflueckt, die Masse mit dem Mehl bedeekt und mit dem Handballen schnell zu einem festen Kloss verarbeitet. Man formt aus dem Teig ganz duenne Roellchen (etwa halb kleinfingerdick) und legt sie zu kleinen Brezeln auf ein gesaeubertes Blech. Man bestreicht die Brezeln mit gequirltem Eigelb und baeckt sie bei leichter Hitze etwa 15-20 Minuten

Generalvertreter für Brasilien

WALTER HUSMANN

S. Paulo Caixo 2595

„Sublime"

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Gespräch mit einem U-Boot-Kommandanten

Wenn Sie nicht gewusst hätten, wen Sie vor sich haben, wäre er ihnen keineswegs aufgefallen: ein kleiner Mann mit dunklem glattgebürstetem Haar. Das frische Gesicht mit einem beinah knabenhaft kecken Ausdruck und schelmischen Augen, nur dass die Züge fest und in sich geschlossen sind und in die Augen beim Erzählen ein metallisches Feuer tritt. Auch die Stimme erhält bei jeder Steigerung einen metallischen Klang. Einer der erfolgreichsten deutschen U-Boot-Kommandanten!

„Da war die Royal Sceptre", ein englisches Schiff, das, auf der Fahrt nach Südamerika, wie die englische Propaganda meldete, unter empörenden Begleitumständen, ohne Warnung von einem deutschen U-Boot versenkt sei. Nun, ich selber habe das Schiff versenkt und kann Ihnen jetzt ruhig erzählen, wie es dabei zugegangen ist.

Bei schönem Wetter lauerte ich auf feindliche Frachtschiffe. Denn den Warenverkehr nach England zu unterbinden, ist ja unsere Hauptaufgabe. Eine Rauchfahne am Horizont. Ein grosser englsicher Transportdampfer. Ich rief ihn an, befahl zu stoppen und dem Kapitän, mit den Papieren herüberzukommen. Statt dessen suchte die „Royal Sceptre" zu entkommen und begann zu funken, indem sie ihren Standort angab und um Hilfe rief. Damit hatte sie eine feindliche Handlung gegen mich ausgeführt, und ich wäre berechtigt gewesen, sie sofort zu versenken. Das sucht man zu vermeiden. Ich begnügte mich damit, sie zu beschiessen.

Als wir sahen, dass das Schiff von seiner Mannschaft verlassen wurde, stellte ich die Beschiessung ein und näherte mich dem Dampfer. Er setzte das Funken aber immer noch weiter fort. Dieser Funker, ein schneidiger und tüchtiger Gesell, sollte nicht mit dem Schiff untergehen. Ich schickte daher eines der Rettungsboote hin, und erst, als auch er das Schiff verlassen hatte, versenkte ich es durch einen Torpedoschuss.

Ich fragte nun den Kommandanten, warum er sich eine feindselige Haltung mir gegenüber erlaubt habe, und ob er und die Mannschaft genügend Wasser und Proviant in den Booten habe. Auf die erste Frage blieb er mir die Antwort schuldig. Aber Wasser und Brot hatten sie genügend. Bevor ich die in ihren Rettungsbooten befindliche englische Mannschaft verliess, teilte ich ihr mit, dass ich dafür sorgen werde, dass sie bald aufgenommen werden. Die Leute schrien darauf Hurra und andere Freudenrufe. Man kann sagen, dass wir im besten Einvernehmen schieden.

Nach der Prisenordnung muss dafür gesorgt werden, dass die Mannschaft des versenkten Dampfers möglichst nicht in Lebensgefahr gerät. Der Aufenthalt in Rettungsbooten auf offener See kann nicht als sicher gelten. Obgleich nun ein amerikanischer Dampfer auf die Hilferufe der „Royal Sceptre" ihren Standort wiederholt und sein Kommen zugesagt hatte, hätte er doch nicht vor Eintritt der Dunkelheit am Platz sein können. Das Auffinden von Rettungsbooten in der Nacht ist aber immer eine fragliche Angelegenheit. Ich beschloss daher, Hilfe zu suchen.

Als nun eine neue Rauchfahne am Horizont erschien, fuhr ich über dem Wasser auf das kommende Schiff zu und signalisierte mit dem bekannten weiss-rot-weissen Zeichen, dass ich mit dem Schiff in friedlichen Austausch von Signalen zu treten wünsche. Die Mannschaft dieses, wie es sich erwies, grossen gleichfalls englischen Dampfers, namens „Browning", entdeckte uns erst, als wir schon verhältnismässig nahe waren, und geriet in so panischen Schrecken, dass sie, ohne auf unser Signal zu antworten, Hals über Kopf sich in die Rettungsboote begab. Ich hatte nun die grösste Mühe, den Leuten meine friedlichen Absichten klarzumachen. Erst als sie wieder auf ihrem Schiff waren und dieses den von mir befohlenen Kurs eingeschlagen hatte, verliess ich sie.

Wenn Herr Churchill gerade aus dieser Angelegenheit der deutschen U-Bootführung einen Strick drehen will, hat er wohl nicht damit gerechnet, dass die Mannschaft des „Royal Sceptre" in Bahia an Land gesetzt und die „Browning" glücklich in Rio de Janeiro eingetroffen ist und alles bestätigen kann, was ich Ihnen erzählt habe.

Ich persönlich habe übrigens Herrn Churchill noch auf einer anderen „neckischen Flunkerei" ertappt. Als ich kürzlich einen englischen Frachtdampfer hatte versenken müssen, funkte ich „an alle" und bat, Herrn Churchill mitzuteilen, dass an dem und dem Standort sich Rettungsboote mit einer englischen Mannschaft befänden. Er solle Hilfe senden. Herr Churchill bestätigte diesen Vorfall im Rundfunk und fügte, um sein ritterliches Herz zu offenbaren, hinzu, er habe sich persönlich bei jenem deutschen U-Boot-Kommandanten, der *nun in englischer Gefangenschaft sei*, bedanken können.

Aber wenn Mr. Churchill ritterlich wird, stimmt irgend etwas nicht. In diesem Fall hängt sein Dank, wie Sie sehen, in der Luft.

Drei Minuten Soldatenhumor

Es war im Jahre 1917. Zu jener Zeit griff sich die Heeresleitung auch schon solche Leute, die nicht direkt vom bekannten schönen Apollo abstammten. Die Karbolmajore hielten also unter der zweiten und dritten Garnitur „fürchterliche Musterung".

Ein schmal aufgeschossener Tapeziergehilfe mit einem Gesicht voller Blütchen, das aussieht wie eine billige Tapete, wird auf seine Tauglichkeit für den Dienst im Harnisch beschnüffelt. Der Mann stottert vorbildlich. „Was sind Sie von Beruf?" fragt der Oberstabsarzt. Aus dem Tapezierer sprudelt es hervor: „Ta-Ta-Ta-Ta-Ta . . ."

Darauf der Oberstabsarzt: Kriegsverwendungsfähig! Maschinengewehrabteilung!"

*

Bei der Besichtigung einer Kompanie Infanteristen fällt dem Major ein grosser langer Kerl auf und er richtet einige Fragen an ihn:

„Wo sind Sie her, mein Lieber?"
„Aus München!"
„Verheiratet?"
„Jawohl, Herr Major!"
„Haben Sie Kinder?"
„Ja, einen Jungen!"

„Was? So ein strammer Bursche und nur ein Kind? Wie lange sind Sie denn schon verheiratet?"

„Zwei Monate, Herr Major!"

*

Kronprinz Wilhelm kam einmal in eine Stellung, welche von Truppenteilen verschiedener Bundesstaaten besetzt war. In den ersten Unterstand rief er hinunter, wer unten sei?

„Berliner", lautete die Antwort.

„Gut, meine lieben Landsleute", sagte er und warf einige Schachteln Zigaretten hinunter.

Beim nächsten Unterstand fragte er wieder, wer unten sei, und es meldeten sich Sachsen. Der Kronprinz war ebenfalls sehr freundlich und spendete wieder Zigaretten.

Beim dritten Unterstand rief der Kronprinz wieder hinunter und erkundigte sich nach der Nationalität der Insassen.

Da ertönte aus der Tiefe laut und deutlich die bekannte Aufforderung nach Götz von Berlichingen.

„Aha", sagte der Kronprinz, „das sind die tapferen Bayern."

*

Als der alte Haeseler in Metz kommandierte, fragte er eines Tages einen wachehaltenden Infanteristen nach dem Namen einer Kuppe, die fern am Horizont in der Morgensonne lag.

„Das ist Höhe 77, Exzellenz!" —

„Liegt die in Deutschland oder schon in Frankreich, mein Sohn?"

„In Frankreich, Exzellenz!" —

„Woher wissen Sie das? — Wissen Sie das auch genau?" —

„Jawohl, Exzellenz. Wenn die noch in Deutschland läge, hätten wir dort sicher schon eine Uebung gehabt!"

*

Friedrich der Grosse verlangte nie mehr von anderen, als er selber zu leisten gewillt war. Eines Tages im Winter, bei grosser Kälte, Sturm und Schneegestöber entschloss sich Friedrich, einige Exerzierhäuser aufzusuchen, um die Ausbildung der Rekruten zu prüfen. Ein höherer Offizier seiner Umgebung glaubte in ehrlicher Sorge um des alten Königs Gesundheit vorschlagen zu dürfen, Fridericus möge bei dem schlechten Wetter lieber fahren als reiten.

Sofort fuhr Friedrich mit bekannter Heftigkeit ihn an: „Wie kann Er so etwas sagen? Wenn es nun Krieg wäre, dann müsste ich doch auch fort."

„Auch dann könnten Euer Majestät bei so einem bösen Wetter für Ihre Person im Wagen fahren."

„Herr! Wenn ich fahre, fährt die ganze Armee!"

Worauf er kehrt machte, das inzwischen vorgeführte Pferd bestieg und davonritt.

*

Wrangel inspizierte als Kommandierender General ein Bataillon und war mit dessen Leistungen sehr unzufrieden. Seine abfällige Kritik schloss er mit den Worten: „Das nächste Jahr, Herr Major, hoffe ich Sie nicht mehr vor der Front zu sehen!"

„Exzellenz sind doch noch so rüstig!" erwidert dieser in einer Art Galgenhumor. Wrangel hört's, droht lächelnd mit dem Finger und reitet ohne Groll davon. Und der Major blieb diesmal noch verschont.

Spitzbärte kommen in Mode

Die Unterseebootsfahrer haben während ihrer Frontfahrten weder Zeit noch Gelegenheit sich zu rasieren. Bei der räumlichen Beschränkung im Inneren dieser Boote ist ausserdem gar kein Platz für umständliche Toilettenbedürfnisse. Wer nicht gerade Wache hat, der schläft, oder versucht doch wenigstens so zu tun als ob, und im übrigen herrscht ständige Gefechtsbereitschaft, bei der jeder Mann auf seiner Station sein muss.

So ist es kein Wunder, dass die Besatzungen der Unterseeboote, Offizier und Mann, wenn sie von ihren zumeist mehrwöchigen Unternehmungen zurückkehren, mit sehr handfesten Bärten auf der Back erscheinen. Aus solcher Not der immer länger und länger werdenden Bärte hat sich jetzt aber sehr rasch eine Tugend entwickelt. Denn einmal im Besitze eines Bartes sagen sich die Männer: „Warum auch nicht" — und haben auf diese Art den Spitzbart wieder in Mode gebracht, der von vielen Unterseebootsfahrern mit berechtigtem Stolz getragen wird.

---

erklärt: der Gouverneur sehe sich ausserstande zu verhandeln. Der deutsche Generalstabsoffizier nimmt diese Entscheidung entgegen. Seine Mission ist beendet. Kein Wort fällt. Der Oberst bestätigt dem Gegner den Bescheid auf einem Zettel mit seiner Unterschrift.

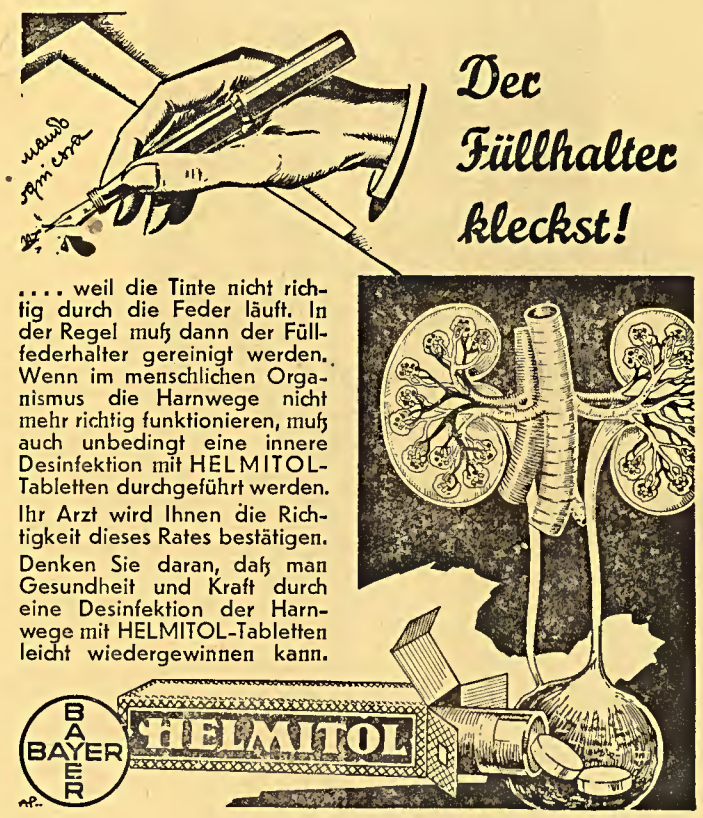
Man bemüht sich, die Rückfahrt der deutschen Unterhändler schnell und einwandfrei zu ordnen. Bis zum Weichbild der Stadt wird eine Infanteriebedeckung Schutz und Bewachung der Emissäre übernehmen, denen nunmehr die Augen zu verbinden seien, bestimmt der Oberst; danach soll die Husareneskorte bis zum äussersten Gürtel der Vorposten bei ihnen bleiben. Es wird den Deutschen anheimgegeben, die Eskorte nach ihrem Gutdünken zurückzusenden, wenn sie es an der Zeit fänden. Danach habe ihr Wagen noch einige Minuten zu halten, ehe es den Insassen erlaubt sei die Binden zu lösen und die Fahrt aufzunehmen.

Der schöne Oberst selbst nimmt für die erste Strecke im Wagen der Deutschen Platz. Er achtet einen Feind, der in ernster Mission vor ihm gestanden hat, und will in schweigender Ritterlichkeit die Unbill wieder gutmachen, die die erregte Bevölkerung der Stadt den Parlamentären angetan hat. Dann steigt er aus, grüsst militärisch und lässt den Wagen mit seinen blinden Insassen an sich vorbeipassieren.

*

Als die Deutschen in der über ihre Augen verhängten Nacht — nur dem Führer erlaubt man bis zu den vor ihm trabenden Hufen und Beinen eines der Husarenpferde unter seiner Binde die Strasse zu übersehen — in die Kühle des Abends gleiten die sie allmählich umfängt, glauben sie sich glimpflich davongekommen. Die Festung ist zwar nicht übergeben aber auch nicht armiert oder zu ernster Verteidigung vorbereitet. Hier ist kein starker Widerstand geplant. Dies und manches andere haben sie gesehen — nicht ohne Gefahr sich einer wütenden Menge in die Fäuste und unter die Knüppel zu liefern. Nur der Rittmeister, der das für die Deutschen herbeigeholte Bier in der Schulstube nicht für Sekt getrunken hat, meint, mit dem geliebten Säbel aufstampfend: „Man wird die Stadt beschiessen müssen."

Da halten die vor dem Wagen trabenden Husarenpferde. Sie befänden sich jetzt auf der Strasse nach Berry-au-Bac, ruft der Sergeant in den Wagen hinein, der scharf anhält. Die letzte von seinem Regiment ausgestellte Feldwache und deren Posten seien bereits passiert.



Da gewahren sie, dass ein anderer Wagen mit abgeblendeten Lichtern ihnen folgt. Fast in dem gleichen Augenblick tritt der Fahrer die Bremse: „Halte — là!" hört man vor ihnen rufen. Gefällte Bäume versperren den Weg, Bajonette blitzen. Ein Posten von zwanzig Mann, das Gewehr in der Hand, umringt im Nu den Wagen. Man leuchtet sie an. Sie haben die schützende Begleitung der Husaren zu früh entlassen und sind mitten in einen starken französischen Unteroffiziersposten hineingefahren.

Sie seien deutsche Parlamentäre erklären sie.

„Aber Sie fahren mit unverbundenen Augen durch unsere Linien!" erwidert der befehligende Unteroffizier scharf. „Es gibt ein parlamentäres Geleit."

Die sie begleitenden Husaren hätten sie eben erst verlassen. Sie beteuern es. Erst daraufhin hätten sie die Binden von den Augen gelöst, wie es ihnen vorgeschrieben worden sei. — Aber alles das macht keinen Eindruck auf die sie umdrängenden Feinde und ist schwer zu glauben.

Er handele nach seinem Befehl, antwortet der französische Unteroffizier. Er müsse sie zum Vorpostenkommandeur führen. „Es ist nicht weit", tröstet er.

*

Die Deutschen haben trotz des Trostes das Gefühl, sich in einer gefährlichen Lage zu befinden. Der Hauptmann weist den vom Oberst des vierundneunzigsten Infanterieregiments unterschriebenen Bescheid über den Ausgang seines Auftrages vor.

„Das gilt bei uns nicht", erwidert man. Man sieht den Zettel kaum an und gibt ihn dem deutschen Offizier geringschätzig zurück.

Mit verbundenen Augen werden die Deutschen die holperigen Feldwege entlang geleitet. Dann ein Dorf. Sie merken es an den vielen Stimmen. Sie werden in einem Hof vor einen französischen Hauptmann gestellt, der nicht zu entscheiden wagt. Die Sache sei ernst.

Man schleppt sie von Abteilung zu Abteilung, von Befehlsstelle zu Befehlsstelle. Zwischen Geflüster und leisen Befehlen werden sie wieder gepackt und weitergeführt. Sie erhalten die Gewissheit — indem sie die Meldungen verfolgen, mit denen sie in dem langen Weg bis zu einer ihnen noch unbekannten letzten Instanz weitergegeben werden — dass sich ihre Lage von Stelle zu Stelle verschlimmert. Sie sind öfter voneinander getrennt. Sie werden immer wieder vernommen, aber man glaubt ihnen nicht.

(Fortsetzung folgt.)

Dann werden wir hier die vorgeschriebene Zeit halten", sagt der Hauptmann.

Sie hören die Husaren in der Richtung nach der Stadt zurückgaloppieren. Sie nehmen die Binden von den Augen. Der Wagen springt an und gleitet rasch in ein spinnendes Tempo.

Unterredung mit einem französischen Offizier

der während des Weltkrieges in der Festung Verdun in Verteidigung lag

Während einer Unterhaltung mit einem Oesterreicher, im Jahre 1935 in Paranagua über die Weltlage, die damals auf spannender Höhe stand, — unsere Unterhaltung wurde in deutscher Sprache geführt — gesellte sich uns ein Franzose hinzu, der im gleichen Hotel übernachtete.

Er hatte unserer Unterhaltung mit Spannung zugehört und war sehr gut gefolgt, weil er, wie er mir später versicherte, die deutsche Sprache völlig beherrschte und in München studiert hatte.

Der Oesterreicher und ich unterhielten uns angeregt, ob es wohl zum Kriege kommen könne. Ich verneinte und lehnte den Krieg als solchen ab, unter Hinweis seiner entsetzlichen Folgen, die ich zur Genüge aus dem Weltkrieg her kannte. Ich habe bei Verdun von Anfang bis zum Ende gelegen und diese Schlacht der Schlachten in allen ihren Farben kennengelernt. Meine entschiedene Aeusserung ging dahin, der Krieg sei nicht notwendig, die strittigen Probleme werden alle ohne Blutvergiessen gelöst werden. Der Oesterreicher zu mir: Kamerad, wenn uns aber der Führer ruft, gehst Du mit, und folgst seinem Rufe? Ich entgegnete ihm: Ein solcher Ruf dürfte nicht ergehen, zumindestens nicht an die Auslandsdeutschen. Jeder hat auf seinem Posten zu verbleiben und seine Pflicht auch hier zu erfüllen. Diese Pflicht ist gross und wirtschaftlich unerlässlich, dazu steht unsere Heimat gesichert in allen ihren Grenzen. Ich glaube auch nicht, dass das französische Volk mit uns einen zweiten Weltkrieg führt, dazu fehlen alle Ursachen. Frankreich wird auch von uns nie angegriffen. Das französische Volk kann keinen Grund zum Hass mehr gegen uns haben, denn die Prohleme mit Frankreich sind doch gelöst, oder stehen vor der Lösung.

Darauf unterbrach uns der Franzose, ein Kafeemakler von der Börse in Le Havre. Dieser Mann war im Begriff nach Curityba zu fahren, um mit dem Governo wegen Kaffeelieferungen zu verhandeln. Er reichte mir die Hand und fragte mich, wo ich denn während des Krieges in Frankreich gelegen habe. Ich erzählte ihm, vor Verdun und da und dorten. Begeistert, alle diese Orte seiner engeren Heimat zu hören, tauschten wir Gedanken aus. Er sprach in feierlichen Worten: Kamerad von der anderen Seite! Du kämpftest für Deutschland. Ich aber ebenso fest und stark für Frankreich. Beide taten wir unsere Pflicht. Aber sinnlos war der Krieg doch und Deine soeben gehörten Worte unterschreihe ich als französischer Offizier und mit mir denken viele, ich kann wohl sagen alle, Frontkämpfer unserer alten Armee. Wir sehen keinen Grund mehr, den unseligen Hassgedanken gegen Deutschland fortzupflanzen. — Dann lenkte er das Gespräch auf unseren Führer Adolf Hitler. Ja meinte er, solchen Mann brauchte auch Frankreich, solche Arbeitskraft müsste in unserem Volk strömen. Ich habe, so meinte er, das Deutschland Adolf Hitlers gesehen, sah die Strassen des Führers, sah gigantische Bauten der Schiffbarmachung der Flüsse, öffentliche Prachtbauten des Reiches, kulturelle Fundamentalbauten und soziale Einrichtungen auf allen Gebieten. Die Wirtschaftsmassnahmen konnte ich studieren und muss sie als Kaufmann in mich aufnehmen, trotzdem ich kein Nationalsozialist bin. —

Ich erhielt eine Einladung, ihn auf meiner Deutschlandreise in Le Havre zu besuchen, was ich getan (1936—37). — Ich habe eine wunderbare Aufnahme gefunden, das war ein Treffen zweier Kriegsteilnehmer aus dem grossen Kriege, die von den gleichen Gedanken erfüllt, einander verstanden und die Zeit im Geiste der friedlichen Arbeit zweier grosser Nachbarvölker sehen, und nicht im Sinne der Kriegshetzer und Gewinner.

Hieran anschliessend möchte ich noch ein Begebnis aus jüngster Zeit schildern: Ein Franzose, ein echter Mann von Schrot und Korn, Herr M. G., Kriegsteilnehmer, Schwerverwundeter des Weltkrieges, Bekannter aus meiner hiesigen Zeit, hat seine Augen vor kurzem für immer geschlossen. Ich habe diesen prächtigen Menschen noch in seinen letzten Lebenstagen besucht und so gut es ging mit ihm eine Unterhaltung gepflegt. Er war schon sehr schwach.

Wie ich in das Krankenzimmer trat, leuchteten seine Augen mir entgegen. Er stammelte nur: Alfredo, Du kommst! der Krieg tobt und Du besuchst mich? Das danke ich Dir von ganzem Herzen für immer. Gott segne Dich! — Dann summte er sein Nationallied, auf der Bettkante sitzend. Es war war für mich ein ergreifender und innerlich packender Anblick.

Ich habe ihm beim Fortgehen die Hand gedrüekt — auch ein Kriegskamerad, wenn auch von der anderen Seite — und kaum acht Tage später war mein Freund, der Franzose, nicht mehr unter den Lebenden.

Habe ich Recht getan? Ja, mein Vaterland wünscht ein solches Auftreten.

Die Stimme des Herzens ist die Stimme der Vernunft und die Vernunft bringt uns die grössten Siege im Leben.

Alfred A. — Curityba.

bravam das consequencias funestas do conflicto mundial. Eu pessoalmente ainda estava sob a impressão dos medonhos dias da campanha na qual tomei parte. Meu posto era a linha de combate de Verdun, onde me achei desde o começo até o fim. Na minha opinião não havia necessidade duma guerra, por que todos os problemas internacionaes podiam ser resolvidos sem derramamento de sangue.

O austriaco observou: Camarada, si agora o Führer nos chamasse para o front, você iria? Respondi: Penso que o Führer não nos chamará. pelo menos elle excluiria os allemães que vivem no estrangeiro. Cada um de nós tem de permanecer em seu posto, cumprindo tambem aqui o seu dever de adepto da civilização. Tal dever é grande e indispensavel. A nossa patria se acha segura dentro de suas fronteiras. Tambem não creio que o povo francez queira fazer uma nova guerra comnosco, pois para isto caracem todos os motivos. A França nunca será atacada por nós. Penso que o povo não pode ter mais nenhum odio contra nós, porque os problemas com a França estão perfeitamente resolvidos.

Neste ponto o francez tomou parte na conversa. Elle era antigo official francez, agora corretor da Bolsa de café em Le Havre. Achava-se em Paranaguá por um dia em transito para Curityba, onde tencionava tratar com o governo a respeito de fornecimentos de café. Apertou-me a mão, perguntando em que ponto eu tinha me achado durante a guerra. Respondi: Verdun, em tal e tal sector. O francez ficou contentissimo por ouvir da minha boca os nomes de todas as localidades de seu torrão natal. Assim foi facil trocar ideas.

Elle disse com palavras solennes: „Meu caro camarada do outro lado. Você combateu pela Allemanha. Mas eu de mesma forma pela França. Ambos temos cumprido o nosso dever. Apezar de tudo, opino que a guerra é um contrasenso. Eu como official francez assigno as tuas palavras. Assim como eu pensam sem duvida todos os combatentes do front do nosso antigo exercito. Não vemos mais motivo nenhum para ainda nutrir o odio desgraçado contra a Allemanha.

Continuou a conversa: Falou então do Führer Adolf Hitler. Disse: Eis um homem como a França tambem precisava ter. Tal energia para o trabalho devia tambem existir entre nós. Eu tive occasião de ver a Allemanha de Adolf Hitler, admirei as estradas construidas pelo Führer, as construcções giganteseas para a navegação fluvial, os edificios pomposos do Reich, os palacios destinados á cultura intelectual, as organisações sociaes em todos os ramos. Pude estudar as medidas economicas. Na qualidade de commerciante tenho de aproval-as, se bem que não seja nacional-socialista.

O francez me convidou para visital-o quando eu fizesse uma viagem á Allemanha, pois elle tem sua residencia em Le Havre. Naturalmente aceitei o convite. Visitei-o no anno seguinte. Fui recebido com a maxima cordialidade. Foi um encontro de dois camaradas da grande guerra, cuja alma estava em harmonia, voando sobre aço e muros de cimento armado, contemplando o mundo na luz da humanidade, alheia aos escopos dos instigadores e ganhadores da guerra. —

Em connexão com esta reminiscencia relato aqui ainda um acontecimento do ultimo tempo: Um francez ,um homem recto e sincero a toda prova, combatente da grande guerra, gravemente ferido, meu conhecido aqui em Paranaguá, ha pouco fechou os olhos para sempre.

Nos ultimos dias da vida delle fiz uma visita a este homem de escól, entabolando, quanto foi possivel, uma conversa.

Elle já estava muito fraco. Porém seus olhos brilhavam ao me ver entrar no quarto do doente.

Exclamou: „Alfredo, você vem me visitar, e lá fora troveja a guerra! Isto te agradeço de todo coração! Deus te abençoe."

Sentou-se no canto da cama, cantarolando seu hymno nacional. Para mim foi um momento empolgante, inesquecivel.

Ao sahir lhe apertei a mão, apertei como o fazem velhos camaradas de guerra. Oito dias depois meu amigo o francez não se achava mais entre os vivos.

Fiz bem? Sim, a minha patria deseja tal procedimento.

A voz do coração é a voz da razão, e a razão nos traz as maiores victorias na vida.

Alfred A. — Curityba

Schenken macht Freude
Richtig schenken ist eine Kunst
*
Besichtigen Sie das Lager der
Metallurgica Sirius
in der
Rua Seminario 139/43, Tel. 4-1197
Sie finden dort
das passende Geschenk
für Ihre Lieben
Prospekte werden gern zugesandt

Palestra com um official francez

que serviu na defesa de Verdun durante a guerra mundial

Foi no anno de 1935. A situação politica na Europa tinha tomado uma feição assustadora. No hotel em Paranaguá estava hospedado um austriaco, com quem entabolei uma conversa a respeito das possihilidades duma guerra.

Utilisamos a lingua allemã para trocar ideas.

Nisto achegou-se a nós um francez que naquelle dia era hospede no hotel.

Elle tinha escutado attentamente as nossas palavras, porque entendia perfeitamente a lingua allemã. Disse que tinha estudado em Munich.

A nossa conversa tinha por assumpto a questão das ameaças de guerra. Eu estava convencido de que não haveria nova conflagração, porque os povos ainda se lembram das consequencias funestas do conflicto mundial. Eu pessoalmente ainda estava sob a impressão dos medonhos dias da campanha na qual tomei parte. Meu posto era a linha de combate de Verdun, onde me achei desde o começo até o fim. Na minha opinião não havia necessidade duma guerra, por que todos os problemas internacionaes podiam ser resolvidos sem derramamento de sangue.

O austriaco observou: Camarada, si agora o Führer nos chamasse para o front, você iria? Respondi: Penso que o Führer não nos chamará. pelo menos elle excluiria os allemães que vivem no estrangeiro. Cada um de nós tem de permanecer em seu posto, cumprindo tambem aqui o seu dever de adepto da civilização. Tal dever é grande e indispensavel. A nossa patria se acha segura dentro de suas fronteiras. Tambem não creio que o povo francez queira fazer uma nova guerra comnosco, pois para isto caracem todos os motivos. A França nunca será atacada por nós. Penso que o povo não pode ter mais nenhum odio contra nós, porque os problemas com a França estão perfeitamente resolvidos.

Neste ponto o francez tomou parte na conversa. Elle era antigo official francez, agora corretor da Bolsa de café em Le Havre. Achava-se em Paranaguá por um dia em transito para Curityba, onde tencionava tratar com o governo a respeito de fornecimentos de café. Apertou-me a mão, perguntando em que ponto eu tinha me achado durante a guerra. Respondi: Verdun, em tal e tal sector. O francez ficou contentissimo por ouvir da minha boca os nomes de todas as localidades de seu torrão natal. Assim foi facil trocar ideas.

Elle disse com palavras solennes: „Meu caro camarada do outro lado. Você combateu pela Allemanha. Mas eu de mesma forma pela França. Ambos temos cumprido o nosso dever. Apezar de tudo, opino que a guerra é um contrasenso. Eu como official francez assigno as tuas palavras. Assim como eu pensam sem duvida todos os combatentes do front do nosso antigo exercito. Não vemos mais motivo nenhum para ainda nutrir o odio desgraçado contra a Allemanha.

Continuou a conversa: Falou então do Führer Adolf Hitler. Disse: Eis um homem como a França tambem precisava ter. Tal energia para o trabalho devia tambem existir entre nós. Eu tive occasião de ver a Allemanha de Adolf Hitler, admirei as estradas construidas pelo Führer, as construcções giganteseas para a navegação fluvial, os edificios pomposos do Reich, os palacios destinados á cultura intelectual, as organisações sociaes em todos os ramos. Pude estudar as medidas economicas. Na qualidade de commerciante tenho de aproval-as, se bem que não seja nacional-socialista.

O francez me convidou para visital-o quando eu fizesse uma viagem á Allemanha, pois elle tem sua residencia em Le Havre. Naturalmente aceitei o convite. Visitei-o no anno seguinte. Fui recebido com a maxima cordialidade. Foi um encontro de dois camaradas da grande guerra, cuja alma estava em harmonia, voando sobre aço e muros de cimento armado, contemplando o mundo na luz da humanidade, alheia aos escopos dos instigadores e ganhadores da guerra. —

Em connexão com esta reminiscencia relato aqui ainda um acontecimento do ultimo tempo: Um francez ,um homem recto e sincero a toda prova, combatente da grande guerra, gravemente ferido, meu conhecido aqui em Paranaguá, ha pouco fechou os olhos para sempre.

Nos ultimos dias da vida delle fiz uma visita a este homem de escól, entabolando, quanto foi possivel, uma conversa.

Elle já estava muito fraco. Porém seus olhos brilhavam ao me ver entrar no quarto do doente.

Exclamou: „Alfredo, você vem me visitar, e lá fora troveja a guerra! Isto te agradeço de todo coração! Deus te abençoe."

Sentou-se no canto da cama, cantarolando seu hymno nacional. Para mim foi um momento empolgante, inesquecivel.

Ao sahir lhe apertei a mão, apertei como o fazem velhos camaradas de guerra. Oito dias depois meu amigo o francez não se achava mais entre os vivos.

Fiz bem? Sim, a minha patria deseja tal procedimento.

A voz do coração é a voz da razão, e a razão nos traz as maiores victorias na vida.

Alfred A. — Curityba

Beliebte Weihnachts-Geschenke

Bestes Kölnisch-Wasser
1/8 Liter 5$000, 1/4 Liter 7$500, 1/2 Liter 12$000

Lavendelwasser
(konzentriert) Glas . . . . . 8$000

Birkenhaarwasser
(mit und ohne Fettgehalt)
Flasche 250 Gramm 9$000, Flasche 500 Gramm 16$000

Deutsche Hirschapotheke / São Paulo / Rua São Bento 219

Deutschlands Industriekapazität größer als die Englands und Frankreichs zusammen

Das Institut für Konjunkturforschung bringt in seinen neuesten Wochenbericht eine Untersuchung über die industrielle Wehrbereitschaft Deutschlands, Grossbritanniens und Frankreichs. Wir entnehmen dem Artikel u. a.: Der moderne Krieg, von dem französischen General Herr nicht ganz zu Unrecht als „Krieg der Fabriken" bezeichnet, führt nicht nur die gewaltigen Truppenmassen an der Front in den Kampf; von kaum geringerer Bedeutung ist der Wettlauf, der zwischen der Industrieproduktion der einzelnen kriegführenden Länder einsetzt. Je grösser die industrielle Kriegsbereitschaft, je grösser das industriewirtschaftliche „Potential" ist, um so eher besteht Aussicht, den Feind auch auf wirtschaftlichem Gebiet zu schlagen. Unter diesen Gesichtspunkten ist es von erhöhtem Interesse, die Kräfteverhältnisse zwischen der deutschen Industriewirtschaft einerseits und der Frankreichs und Grossbritanniens auf der anderen Seite zu untersuchen. Während die gesamte Industriewirtschaft des Altreichs 1930 ein Fünftel bis ein Viertel kleiner war als die Frankreichs und Grossbritanniens zusammengenommen, ist es Deutschland während der letzten Jahre aber in zäher und planmässiger Arbeit gelungen, einst verloren gegangene Gebiete wieder in das Reich zurückzuführen. Dieser Vorgang war auch im Hinblick auff die industriellen Kräfte unseres Landes von entscheidender Bedeutung. Mit den hinzugekommenen Gebieten Saarland, Oesterreich, Sudetengau, Böhmen-Mähren und Danzig zählt das Grossdeutsche Reich (gemessen am Stand des Jahres 1930) rund 14,4 Millionen industrielle Beschäftigte. Das aber sind einige Prozent mehr als die Zahl der in Grossbritannien und Frankreich gewerblich tätigen Personen!

Produktionsgüterindustrie

Nun kommt es für den kriegsmässigen Einsatz der Industrie nicht auf das Gewerbe im ganzen, sondern auf bestimmte, militärische ausschlaggebende Zweige an. Die Erfahrungen des Weltkrieges 1914—18 haben z. B. gezeigt, dass etwa das Baugewerbe im Kriege stark an Bedeutung verliert; das gleiche gilt für die Papierindustrie, das Druckgewerbe usw. Auf der anderen Seite hat die Beschäftigung in der Metallindustrie und in der chemischen Industrie aber die Tendenz, kräftig zu steigen. Im Kriege gewinnen, das zeigen die Erfahrungen aus dem Weltkrieg, die Produktionsgüterindustrien ausschlaggebende Be-

deutung. Sie sind die eigentlichen Zentren der Kriegsmaterialproduktion. Alle anderen Umstände einmal als gleich vorausgesetzt, wird dasjenige Land die grösten Aussichten auf den Sieg haben, das über die leistungsfähigste „Produktionsgüterindustrie" verfügt. Diese Produktionsgüterindustrie umfasst vom gleichen Standpunkt des Krieges zwei grosse Gruppen: die eigentliche Rüstungsindustrie, d. h. solche Werke, die sich auch im Frieden mit der Herstellung von Kriegsmaterial beschäftigen, und alle übrigen Zweige, die erst im Ernstfall auf kriegsmässige Arbeit umgestellt werden.

Was zunächst die Rüstungsindustrie im engeren Sinne betrifft, so ist es natürlich schwer, hier einen auch nur annähernd richtigen Vergleichsmasstab zu finden. Als Anhaltspunkte mögen aber die folgenden Ueberlegungen dienen: Wie Adolf Hitler in seiner letzten grossen Reichstagsrede bekanntgab, wurden für die Wehrhaftmachung des deutschen Volkes während der letzten sechs Jahre rund 90 Milliarden RM. ausgegeben. Die Rüstungsausgaben Grossbritanniens belaufen sich in der gleichen Zeit auf 25 Mrd. RM., die Frankreichs auf 15 Mrd. RM. Nimmt man an, dass der Materialanteil an den Rüstungsausgaben aller drei Länder etwa gleich hoch ist, so ergäbe sich hieraus schon eine klare Ueberlegenheit der deutschen Rüstungsproduktion. Wahrscheinlich ist aber der deutsche Vorsprung noch grösser, denn die Ausgaben des Reichs waren ohne Zweifel „materialintensiver" als die Frankreichs oder Grossbritanniens, da Deutschland viele Sachausgaben nachzuholen hatte.

Für ein Teilgebiet, den Flugzeugbau, ist die Ueberlegenheit des Reiches offenkundig. Noch vor wenigen Monaten wurde in der ausländischen Presse anerkannt, dass Deutschland mehr — und bessere! — Flugzeuge baue als Frankreich und England zusammengenommen, und während Frankreich heute mehr Flugmaterial ein- als ausführt und auch Grossbritannien auf amerikanische Lieferungen zurückgreifen muss, ist Deutschland in Fluggerät zum führenden Exportland Europas, wenn nicht schon der Welt geworden. Obwohl es an genauen Einzeldaten fehlt, wird man daher eine Ueberlegenheit Deutschlands in der Kriegsmaterialproduktion als gegeben ansehen können.

Zusätzliche Rüstungsproduktion

Nun reichen die Kriegsmaterialfabriken für den im Ernstfall auftretenden Bedarf natürlich nicht aus. Dann muss vielmehr in grösserem Umfang auf die Arbeit der bis dahin für den zivilen Bedarf arbeitenden Betriebe zurückgegriffen werden; die eigentlichen Rüstungsbetriebe bilden dann nur noch den organisatorischen Kern, um den sich eine gewaltige „zusätzliche" Rüstungsproduktion entwickelt. Wie weit die Rüstungsproduktion im Kriege ausgedehnt werden kann, hängt entscheidend von der Grösse und dem Zustand derjenigen Werke ab, die gewöhnlich als „Produktionsgüterindustrien" zusammengefasst werden und die neben den Betrieben des Bergbaus vor allem Eisen- und Metallindustrie, die Chemie, die Elektrotechnik, den Fahrzeugbau und das Baugewerbe umfassen.

1930 wird der Nettoproduktionswert der Produktionsgüterindustrien in England mit 20,6, in Frankreich mit 10,9, zusammen mit 31,5 Mrd. RM. angegeben, während sich für Deutschland ein Produktionswert für das Altreich von 19,6 Mrd. ergibt, den man mit den neu hinzugekommenen Gebieten auf 24,0 Mrd. ansetzen könnte. Damit hätte Deutschland also wesentlich weniger Produktionsgüter erzeugt, als Frankreich und Grossbritannien zusammen.

Dabei ist aber zu berücksichtigen, dass sich damals Deutschland bereits in der Krise befand, während sich die Erzeugung in Grossbritannien und Frankreich zunächst noch besser halten konnte. Vor allem bleibt zu berücksichtigen, dass die Kapazitäten in Deutschland seit 1930 ganz entscheidend erweitert worden sind, während sie in Frankreich eher verkleinert und in Grossbritannien nur in bescheidenem Rahmen ausgebaut wurden. Um einigermassen den gegenwärtigen Verhältnissen nahezukommen, ist es notwendig, für Frankreich den Stand des Jahres 1930 zugrunde zu legen und für England den von 1937. Deutschland schliesslich hat die Vollausnutzung seiner Anlagen wohl 1938—39 erreicht. Unter diesen Voraussetzungen kommt man zu einem Kapazitätsvergleich, demzufolge die Leistungsfähigkeit der Produktionsgüterindustrien — gemessen in Nettowerten nach Preisen des Jahres 1930 — folgendes Bild erhält: Frankreich 10,9 Mrd. RM., Grossbritannien 25,4 Mrd. RM., zusammen also 36,3 Mrd. RM.; Deutschland (Altreich und Saargebiet) 33,1 Mrd. RM., Oesterreich, Sudetengau und Protektorat Böhmen und Mähren 4,4 Mrd. RM., zusammen also 37,5 Mrd. RM. Deutschland geht damit auf dem Gebiet der Produktionsgütererzeugung mit Kapazitäten in den Kampf, die grösser sind als die britischen und französischen zusammen.

Vergleich der Produktionsgüterindustrien 1913 und 1938

Wie sehr sich Deutschlands Stellung in der Produktionsgütererzeugung verstärkt hat, macht schliesslich auch ein Vergleich mit dem Stand der Dinge im Jahre 1913 deutlich. Wenn die Kapazitätsausnutzung in allen drei hier verglichenen Ländern etwa gleich hoch angesetzt wird, ergibt der Vergleich der Produktionsgüterindustrien 1913 und 1938 folgendes: Frankreich: 6,7 Milliarden RM. (1913), 10,9 Milliarden RM. (1938), Grossbritannien: 20,4 Milliarden RM. (1913), 25,4 Milliarden RM. (1938), zusammen: 27,1 Milliarden RM. (1913), 36,6 Milliarden RM. (1938), Deutsches Reich (altes Gebiet): 22,8 Milliarden RM. (1913), 37,5 Milliarden RM. (1938), Deutsches Reich im vH. der britischen und französischen Erzeugung: 84 vH. (1913), 103 vH. (1938). Bei Frankreich ist mangels anderer Unterlagen für 1913 das heutige Gebiet zugrunde gelegt worden. Der Wert liegt in Wirklichkeit niedriger. Deutschlands Stellung ist also nicht nur stärker als in den Nachkriegsjahren 1919 bis 1933 — damals waren die Folgen des Versailler Diktats noch deutlich zu spüren —, sondern auch stärker als im letzten Jahr vor Ausbruch des Weltkrieges 1914—18.

Die Untersuchungen des Instituts führen zu folgenden Ergebnissen: Deutschland verfügt heute, gemessen an der Zahl der Beschäftigten über eine grössere Industriekapazität als Grossbritannien und Frankreich zusammen. Die Ueberlegenheit Deutschlands auf dem Gebiet der Kriegsmaterialproduktion ist z. B. im Flugzeugbau offenkundig. Sie geht auch aus dem weit grösseren Produktionsvolumen hervor, das die gesamte deutsche Rüstungsindustrie während der letzten sechs Jahre gegenüber der britischen und französischen Rüstungsindustrie gehabt hat. Auch in den Reservepositionen der Rüstungsindustrie, in der für die Kriegsmaterialerzeugung einsetzbaren Produktionsgüterindustrie, verfügt Deutschland, selbst wenn man die polnischen Werke noch nicht hinzurechnet, über grössere Kapazitäten als Frankreich und Grossbritannien zusammen.

Bestimmungen über das Verwundetenabzeichen

für die Ostmark, die sudetendeutschen Gebiete und das Memelland vom 28. Juni 1939

1.

1. Das deutsche Verwundetenabzeichen soll nunmehr auch die Kriegsteilnehmer aus der Ostmark, aus den sudetendeutschen Gebieten und aus dem Memelland auszeichnen, die im Weltkriege für das vom Führer geeinte Grossdeutsche Vaterland geblutet oder durch feindliche Einwirkung ihre Gesundheit verloren haben.

2.

1. Als Verwundungen gelten alle äusseren oder inneren Verletzungen durch unmittelbare und mittelbare Einwirkung von Kampfmitteln ohne Rücksicht auf die Schwere der Verletzung.

2. Verletzungen infolge unvorsichtiger und leichtsinniger oder strafbarer Handhabung der eigenen Waffe rechnen nicht dazu.

3.

1. Voraussetzung für die Anerkennung einer Verwundung (Nr. 2, Abs. 1) ist, dass ärztliche Behandlung notwendig war.

2. Für Angehörige des Kolonial-Militärdienstes ist die Voraussetzung als erfüllt anzusehen, wenn glaubhaft nachgewiesen ist, dass infolge Fehlens von Aerzten die Behandlung durch andere Personen stattgefunden oder der Betreffende sich selbst behandelt hat.

4.

1. Das Abzeichen besteht aus Eisen und zeigt

a) bei Heeresangehörigen und Angehörigen des Kolonial-Militärdienstes:
auf seinem von einem Lorbeerkranz eingefassten Schild einen Stahlhelm auf zwei gekreuzten Schwertern,

b) bei Marineangehörigen:
auf seinem von einer Ankerkette eingefassten, ovalen Schild einen Anker mit zwei darüber gekreuzten Schwertern.

2. Für Marineangehörige, die verwundet worden sind, während ihr Marineteil einem Truppenverband des Heeres oder der Kolonialtruppen taktisch unterstellt war, ist das Verwundetenabzeichen des Heeres zuständig. In fraglichen Fällen kann das Versorgungsamt entscheiden, für welches Abzeichen der Berechtigungsausweis zu erteilen ist, wobei nichts im Wege steht, den Wunsch des Antragsstellers zu berücksichtigen.

5.

1. Das Abzeichen ist
schwarz bei ein- und zweimaliger,
mattweiss bei drei- und viermaliger,
mattgelb bei fünf- und mehrmaliger Verwundung.

2. Mehrfache, bei der gleichen Kampfhandlung erlittene Verwundungen gelten als einmalige Verwundung, es sei denn, dass die spätere Verwundung nach erneuter Beteiligung am Gefecht eingetreten ist. Rückfälle oder weitere Folgen derselben Gesundheitsstörung gelten nicht als neue Beschädigung.

6.

1. Die Berechtigung zum Tragen des Verwundetenabzeichens für die Kriegsteilnehmer aus der Ostmark und aus den sudetendeutschen Gebieten, die im Weltkriege in der österreichisch-ungarischen bewaffneten Macht oder auf Seiten der übrigen Verbündeten Kriegsdienste geleistet haben, wird ausschliesslich durch die Erteilung des Berechtigungsausweises erworben.

2. Mit der Erteilung des Berechtigungsausweises erlischt die Befugnis zum Tragen der österreichisch-ungarischen Verwundetenmedaille.

*

Anträge auf Erteilung des Berechtigungsausweises zum Tragen des Verwundetenabzeichens sind an das Deutsche Generalkonsulat in São Paulo und an das Deutsche Konsulat in Santos, soweit die Antragsteller in deren Zuständigkeitsbereichen wohnhaft sind, bis zum Ablauf des 30. Juni 1940 unter Benutzung eines bei diesen erhältlichen Antragsvordruckes zu richten.

Den Anträgen sind nach Möglichkeit in Händen der Antragsteller befindliche Beweisstücke beizufügen (Militärpapiere, Rentenbescheid, Feldpostbriefe usw., Bescheinigungen der österreichischen Dienststellen auf Anträge für die Verwundetenmedaille, Zeugenerklärungen usw.). Eine unmittelbare Inanspruchnahme des Heeresarchivs in Wien, eines Krankenbuchlagers usw. ist nicht zulässig. Von der Beifügung von Unterlagen können Empfänger von Ruhegehalt auf Grund militärischer Dienstleistung oder sonstigen Versorgungsgebührnissen absehen, wenn ihre Akten beim Versorgungsamt ausreichenden Aufschluss geben; unerlässlich ist dann aber die genaue Angabe des letztbekannten Geschäftszeichens.

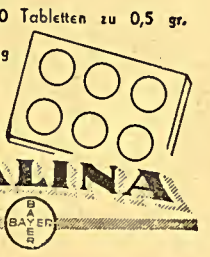
Das Verwundetenabzeichen selbst wird nicht mehr verliehen, vielmehr haben die Antragsteller sich das Abzeichen, nachdem ihnen der Berechtigungsausweis erteilt worden ist, selbst zu beschaffen.

NUR EINE KLEINE KLINGEL-KEIN FLUGZEUG-MOTOR.....

Unsere ueberspannten Nerven reagieren oft auf die geringsten Geräusche mit einem Verzweiflungs-Ausbruch. Da hilft Adalina sofort - das bekannte Beruhigungsmittel erregter Nerven. Das Bayer-Kreuz verbuergt vollkommene Unschaedlichkeit.

In Tuben mit 10 Tabletten zu 0,5 gr.

Neue Packung mit 6 Tabletten zu 0,25 gr.



ADALINA

BAYER

FUNDADA EM 1883

Casa Allemã

Eröffnung unserer diesjährigen traditionellen

Weihnachts-Ausstellung

in allen Abteilungen unseres Hauses und bieten wir für alle Gesellschaftsschichten die erdenklich grösste Auswahl in

Geschenkartikeln und Spielwaren

In Uebereinstimmung mit unseren neuen Verkaufsgrundsätzen, bieten wir diese erstklassigen Artikel der bekanntesten europäischen Fabriken zu wirklich für

jedermann erschwinglichen Preisen

an und bitten um Ihren Besuch

SCHADLICH, OBERT & CO. RUA DIREITA 162—190

Bund der schaffenden Reichsdeutschen

União Beneficente e Educativa Alemã
Rio de Janeiro

Unsere Frauengruppe veranstaltet Sonnabend, 9. Dezember, in den Räumen der Gesellschaft Germania einen grossen

Weihnachtsmarkt

verbunden mit Bunter Bühne, Verlosungen usw.

Der Ertrag ist für das Hilfswerk der Deutschen Kolonie bestimmt, weshalb alle Volksgenossen herzlich eingeladen sind

Rio-Besucher

besucht

DANUBIO AZUL

Avenida Mem de Sá 34
Telefon 22-1354
Prima Küche
Täglich Konzert
Im ersten Stock Tanz

Uebersetzungen
Dr. Bruno Zander
Vereidigter Übersetzer
Rua 13 de Maio 37, 1. St.
Tel. 42-4668 - Rio.

Aerztetafel von Rio

Haut- und Geschlechtskrankheiten
Dr. Paul Cardozo-Legène
in Deutschland ausgebildeter und approbierter Arzt
Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock
Telephon 22-0912
Sprechstunden: 9—12 und 3—6
Samstag: 9—11 und 12—3 Uhr

Dr. Archimedes Peçanha
Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão no H. S. F. de Assis
Ohren-, Nasen- und Halsleiden
Consultorio:
Rua Quitanda 5 — Tel. 22-5550

Wenn zwei dasselbe tun ...

so ist das noch lange nicht dasselbe. Beide photographieren zwar, der eine aber hat es mit der Stativkamera viel schwerer als derjenige mit der IKONTA 6 mal 9 von Zeiss Ikon. Die IKONTA 6 mal 9 hat Gehäuseauslösung, optischen Springsucher, Zweipunkt-Einstellung, Zeiss Tessar 1:3,8 und Compur-Rapid bis zur 1/400 Sekunde, sowie eingebauten Selbstauslöser.

Aufschlussreiche Prospekte und fachmännische Beratung in allen guten Fachhandlungen.

Reparaturen sämtlicher Uhren garantiert

Josef Herold
● Uhrmacher ●
Rua da Alfandega, 130

Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - I. Stock
Tel. 42-3601
Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte
Stets frischer Schoppen — Reichhaltige Getränke

Dr. W. Huber

Spezialarzt — Chirurgie und Frauenleiden.
Sprechstunden täglich von 3—6 Uhr.
Alvaro Alvim Nr. 24/8, Cinelandia
Telephon 22-2657.

Dr. Fridel-Tschöpke

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolett-Strahlen).
Consultorio: Rua Miguel Couto Nr. 5
von 2—5 Uhr. Tel. 22-0713. — Wohnung: Tel. 22-9930

Deutsches Haus

Sonn- und Feiertags: Spezialplatte
Ökonom: A. Fröse
Schönster Aufenthalt
Praia Icarahy 251
Nictheroy

CASA WESTFALIA R. ASSEMBLÉA 37 Tel. 42-0646 – RIO
Das einzigste deutsche **Feinkostwarenhaus** im Zentrum. — Alle in- und ausländischen Konserven und Weine. — Blumenauer Spezialitäten. - Bar- und Restaurationsbetrieb
Täglich kalte und warme Spezialplatten.
Inhaber: Jens Jensen

Preiswert — **Kölnisch Wasser** — Erfrischend
das beliebte Qualitätsprodukt der
Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro
Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Ein guf bedienter Kunde

wird stets ein Freund meines Hauses sein!

Garantierte Reparaturen – Kompl. Modifikationen – Schärfste Syntonisierungen mit Präzisionsapparaten – Verbesserungen an modernen Geräten auf grössere Stabilität, höhere Empfindlichkeit, Tropensicherheit – Antennen

Officina de Radio, Max Becker

Ex-Chefe Tecnico da Radio-Officina TELEFUNKEN
Rua Miguel Couto 47, 1.º — Entrada Optica Tyroleza
Tel. 43-7710

Vertretung
in
Rio de Janeiro
befindet sich
Rua dos Andradas 84
2. Stock, App. 23
Telefon 23-4977
Franz Kumlin

DIE NÄHMASCHINE
FÜR JEDEN HAUSHALT
Agenten an allen Plätzen
THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 — **RIO DE JANEIRO**

Bund der schaffenden Reichsdeutschen, Rio de Janeiro

Am 2. Dezember 1939 fand im Deutschen Heim zu Rio de Janeiro unter dem Ehrenschutz des Deutschen Botschafters ein Marsch- und Walzerabend statt, der vom Bunde der schaffenden Reichsdeutschen veranstaltet wurde. Wieder einmal kann der BdsR. auf eine seiner erfolgreichsten Veranstaltungen zurückblicken. Schon lange waren die Eintrittskarten im Vorverkauf ausverkauft und das geräumige Deutsche Heim war übervoll. Herr Hering, dem die Gesamtleitung übertragen worden war, gab wieder einmal Proben seines grossen Könnens. Das Orchester spielte ganz ausgezeichnet und viele Stücke mussten wiederholt werden. Der Lyrachor verschönte die Veranstaltung durch Vortragen von drei Liedern, die, wie nicht anders zu erwarten war, begeisterten Beifall fanden.

Besonders wurde die Violinsolistin, Fräulein Enaura Mello bewundert, die in ganz hervorragender Weise einen Czardas von Monti vortrug und ihn zweimal wiederholen musste. Wir hoffen Frl. Enaura Mello demnächst wieder begrüssen und ihr Talent bewundern zu können.

Die deutsche Kolonie nahm an diesem Abend geschlossen Teil und gab damit ein schönes Zeichen ihrer Verbundenheit ab.

Der Deutsche Botschafter war mit seiner Frau Gemahlin erschienen, ebenso nahmen sämtliche übrige Herren von der Deutschen Botschaft mit ihren Damen an dieser Veranstaltung teil.

(Zwei Bilder von dieser Veranstaltung in der nächsten Folge.)

Die taschenrechte
Voigtländer
KLEIN-BESSA
mit dem großen Bildformat

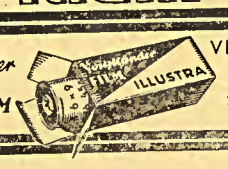
Modell 66: Optik 1:3,5, Prontor II-Verschluß bis 1/175 Sekunde, mit Rahmensucher, Selbstauslöser, angelenktem Gelbfilter, Tiefenschärfe-Uhr, dem Schnellschußauslöser am Laufboden (Voigtländer-Patent) und vielen anderen technischen Vorzügen

Etwas ganz Besonderes sind die Modelle 46 und 66, die Verschlußzeiten bis zu 1/500 Sekunde haben und außerdem mit optischem Sucher sowie einer Filmsperre mit Zählwerk ausgestattet sind.

Alle Modelle besitzen die berühmte Voigtländer-Optik!

Voigtländer Klein-BESSA

Noch bessere Bilder mit Voigtländer FILM

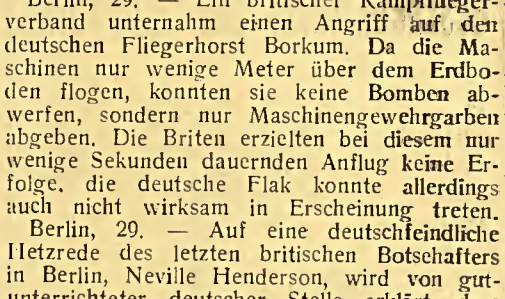


VERTRETUNG:
S.A. Schering
Rio - S. Paulo - P. Alegre

Geschäftliche Mitteilung

Wie aus unserem heutigen Anzeigenteil hervorgeht, hat Herr Max Becker in der Rua Miguel Couto 47, 1.º (früher Ourives), Tel. 43-7710 eine Werkstätte gegründet in der jeder Art Reparaturen, Verbesserungen und Aenderungen an Radioapparaten ausgeführt werden. Herr Becker ist anerkannter Fachmann auf diesem Gebiet mit einundzwanzigjähriger Praxis. Seine Spezialität sind Kurzwellen, wodurch die Gewähr gegeben ist, dass jede Unregelmässigkeit an den kompliziertesten Uebersee-Empfängern sachgemäss behandelt und beseitigt wird.

PETER JURISCH
RECHTSANWALT
RIO DE JANEIRO — CAIXA POSTAL 136
EDIFICIO ODEON, SALA 1208



Kurz gefasst

Das Wichtigste der Woche
Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Alemã)

Berlin, 29. — Die amtlichen deutschen und französischen Heeresberichte melden von der Westfront keine besonderen Kampfhandlungen. Geringe zeitweise verstärkte Artillerietätigkeit, Spähtruppunternehmungen und Schanzarbeiten sind die geflügelten Worte der amtlichen Berichte geworden. Die Flugwaffe führte nur Erkundungsflüge aus.

Berlin, 29. — Ein britischer Kampffliegerverband unternahm einen Angriff auf den deutschen Fliegerhorst Borkum. Da die Maschinen nur wenige Meter über dem Erdboden flogen, konnten sie keine Bomben abwerfen, sondern nur Maschinengewehrgarben abgeben. Die Briten erzielten bei diesem nur wenige Sekunden dauernden Anflug keine Erfolge, die deutsche Flak konnte allerdings auch nicht wirksam in Erscheinung treten.

Berlin, 29. — Auf eine deutschfeindliche Hetzrede des letzten britischen Botschafters in Berlin, Neville Henderson, wird von gutunterrichteter deutscher Stelle erklärt, dass die Briten leider in entscheidungsschwerster Stunde einen „körperlich und geistig behinderten Mann" auf verantwortungsvollstem Posten gelassen hätten. Henderson litt an einer ausserordentlichen Gedächtnisschwäche und sei nicht fähig gewesen, klare Informationen über eine Unterredung weiterzuleiten. Das wird vor allem bezüglich der Aussprache des Reichsaussenministers von Rib-

bentrop mit dem britischen Botschafter in den letzten Augusttagen betont.

Danzig, 29. — Reichsminister Dr. Goebbels besuchte die Stadt Danzig, wo ihm vom Gauleiter Forster das Danziger Ordenskreuz überreicht wurde. In Gotenhafen unterrichtete sich der Reichsminister über den Stand der deutschen Umsiedlung aus dem Baltikum.

Berlin, 29. — Der dem Gau Ostpreussen eingegliederte Gebietszuwachs aus dem ehemaligen Polen. der neue Regierungsbezirk Zichenau, umfasst 11.000 Quadratkilometer mit 724.000 Einwohnern. Die Kreisstädte dieses Regierungsbezirkes sind Ostrolenka, Plotzk, Mlawa, Prassnitz Zichenau Sierpe, Makow und Pultusk.

Amsterdam, 29. — In der Südafrikanischen Union sind nach niederländischen Meldungen in mehreren Städten Unruhen ausgebrochen. Die Regierung des Generals Smuts hat überraschend die Post- und Telegraphenzensur eingeführt.

Rom, 29. — Die italienische Presse stellt anlässlich der Torpedierung eines modernen grossen Kreuzers der britischen London-Klasse fest, dass Kapitänleutnant Prien bereits von der nordamerikanischen Presse als Feind Nr. 1 der britischen Seestreitkräfte bezeichnet worden ist.

Rom, 29. — Nach amtlicher Mitteilung stehen in Italien gegenwärtig 868.000 Mann unter den Waffen.

Moskau, 29. — Stalin hat sich in einer Presseerklärung gegen die Lügenmeldungen der französischen „Havas"-Agentur gewandt. Dieses Büro gab eine angebliche Redewendung Stalins wieder, wonach der gegenwärtige europäisehe Krieg „so lange als möglich bis zur Erschöpfung beider Parteien" dauern sollte. Der erste Mann Russlands stellt in seiner Erklärung fest, dass allein England und Frankreich die Verantwortung für den jetzigen Krieg tragen, da sie Deutschland angegriffen haben und seine Friedensvorschläge, die von der Sowjetunion unterstützt wurden, ablehnten. An diesen Tatsachen könnten die Kaffeehaus-Politiker der Havas nicht herum.

Kopenhagen, 29. — Der erste Ministerpräsident Deutschlands nach der Novemberrevolution, Philipp Scheidemann. ist im Alter von 74 Jahren in der dänischen Hauptstadt gestorben. Sein Ausspruch, dass die Hand verdorren müsse, die den Versailler Vertrag unterzeichne, hat ihn in der bewegten politischen Zeit der Nachkriegsjahre öfter als gewünscht an die Oeffentlichkeit gezerrt, da Scheidemann mit der sozialdemokratischen Partei doch für die Annahme des Vertrages stimmte.

Madrid, 29. — Ein Pariser Mitarbeiter der Madrider Zeitung „ABC" berichtet vom Kampf der französischen Behörden gegen den Kommunismus. Die kommunistische Propaganda erstrecke sich auf alle Lebensgebiete und erfasse bereits das öffentliche Beamtentum.

Basel, 29. — Drei jungen deutschen Fliegern, die 70 km von der schweizer Grenze entfernt, sich nur durch Fallschirmabsprünge retten konnten, erreichten nach einem mehrtägigen abenteuerlichen Marsch die Grenze des neutralen Landes, wo sie interniert wurden.

Budapest, 29. — Der ungarische Aussenminister Graf Czaky erwiderte auf eine Rede des rumänischen Aussenministers Gafencu: „In einer Zeit, da Friedensverträge stürzen, kann Rumänien nicht der einzige Kriegsgewinner sein, weil auf diese Weise nicht die ruhige und friedliche Entwicklung des Karpatenraumes garantiert werden kann. Der Vertrag von Trianon bedarf einer Revision."

Bukarest, 29. — Der Zeitung „Seara" zufolge konzentriert die Sowjetunion in Zentralasien an der Grenze mit dem Iran, Afghanistan und Indien und in Transkausien an der türkischen Grenze bedeutende Truppenmassen.

Newyork, 29. — Der ehemalige britische Marineminister Duff Cooper hält seit einigen Monaten in Nordamerika Propagandareden. In Boston wurde jetzt eine seiner Ansprachen unmöglich gemacht, indem sich nach dem Zwischenruf eines Zuhörers ein gewaltiger Tumult erhob. Dieser Zuhörer sagte nämlich England solle erst einmal seine alten Kriegsschulden bezahlen.

Berlin, 30. — Da die telephonische Verbindung zwischen der Reichshauptstadt und der finnischen Hauptstadt Helsinki seit Donnerstagnachmittag nicht mehr besteht, werden in Berlin keine besonderen Berichte über den russisch-finnischen Konflikt ausgegeben. Nach wie vor betonen amtliche Kreise nur den eindeutigen Willen des Reiches, in diesem Streit lediglich Zuschauer bleiben zu wollen. Finnland habe sich zu sehr auf die Versprechungen der Engländer gestützt. — Nachrichten aus Kopenhagen und Stockholm berichten von den Kämpfen zwischen Russen und Finnen sowie von der bevorstehenden Regierungsumbildung in Finnland.

Berlin, 30. — Von deutscher amtlicher Seite wird die Meldung des britischen Informationsministeriums, dass die polnischen Kriegsgefangenen deutschen Heeresdienst abzuleisten hätten, energisch zurückgewiesen. Im Reich ist kein Angehöriger einer fremden Volksgruppe zum Militärdienst zugelassen.

Prag, 30. — Die tschechische Presse nimmt aus Anlass der einjährigen Regierung Dr. Hachas zur gegenwärtigen Lage des tschechischen Volkes Stellung und schreibt, dass dank der geschickten Amtsführung des Staatspräsidenten den Tschechen jene Kriegsleiden erspart geblieben sind, welche die Polen zu verspüren bekamen.

Berlin, 30. — Reichsminister Dr. Goebbels gab bekannt, dass auch im Jahre 1940 der Nationalpreis für Musik zur Verteilung gelangt. Dem besten deutschen Violinisten und Pianisten wird ein Preis von je 10.000 RM zugesprochen.

Den Haag, 30. — Da die britische Admiralität die Schiffe der englischen Hochseefischer beschlagnahmte, um sie als Minensuchboote auszustatten, ist die Fischversorgung Englands gegenwärtig fast vollkommen eingestellt.

Brüssel, 30. — Ministerpräsident Daladier hat sich infolge des innerpolitischen Druckes genötigt gesehen, die Kammer einzuberufen. Sein Bericht über die gegenwärtige politische Lage befriedigte die Abgeordneten nur zum Teil. Die Unklarheit seiner Rede gipfelte in den Worten: „Die Stunde hat noch nicht geschlagen, wo wir über unsere Kriegsziele sprechen können. Zuerst müssen wir siegen!" Zwei kommunistische Abgeordnete wurden aus dem Sitzungssaal heraus verhaftet. Dabei gab es einen erheblichen Lärm.

Kopenhagen, 30. — Die deutsch-dänischen Verhandlungen über den Warenaustausch zwischen beiden Ländern für das kommende Jahr wurden zu einem günstigen Abschluss gebracht.

Rom, 1. — „Corriere della Sera" stellt fest, dass sich London und Paris mit papierenen Protesten gegen das Einrücken russischer Truppen in Finnland begnügen. Obgleich Chamberlain erklärt habe, dass Britannien für die Freiheit der kleinen und schwachen Länder kämpfe, wasche es jetzt seine Hände in Unschuld und überlasse Finnland seinem Schicksal.

Helsinki, 1. — Die deutsche Handelskammer in Helsinki hat den Abtransport der deutschen Staatsangehörigen aus Finnland übernommen.

Helsinki, 1. — Der 50 km lange Küstenstreifen Finnlands am nördlichen Eismeer wurde von russischen Truppen besetzt, um dem Versuch anderer Mächte vorzubeugen, Finnland vom Norden her mit Waffen zu versorgen.

Berlin, 1. — Von amtlicher deutscher Seite werden die Gesamtverluste der feindlichen und neutralen Schiffahrt, die trotz Warnung nach Britannien fuhr vom Kriegsbeginn bis zum 29. November mit 194 Schiffen und 735.768 Tonnen angegeben. Von U-Booten und Minen wurden 162 Schiffe mit 639.689 Tonnen versenkt, davon 52 neutrale mit 185.248 Tonnen. Nach sonstigen Meldungen weitere 32 Schiffe mit 96.079 Tonnen, davon 16 neutrale mit 39.321 Tonnen. Besonders hoch ist der Prozentsatz an versenkten Tankschiffen; er beträgt 150.867 Tonnen. Deutscherseits wird noch darauf hingewiesen, dass von britischer Seite zahlreiche Verluste verschwiegen werden.

Amsterdam, 1. — Die britische Regierung hat die Absicht, eine grosse Anzahl neutraler Handelsdampfer zu kaufen, um die im Unterseebootkrieg erlittenen Verluste wieder auszugleichen.

Amsterdam, 1. — Ab 9. Dezember müssen sich alle Engländer im Alter von 20 bis 23 Jahren bei den Rekrutierungsämtern stellen. Man erhofft aus diesen drei Jahrgängen einen Heereszuwachs von 250.000 Mann.

Genf, 1. — Grosse Beachtung hat die Endabstimmung über die Vollmachten der Regierung Daladier gefunden, da diese nur mit 318 gegen 250 Stimmen von der Kammer gegeben wurden. Dabei fehlten die 72 Stimmen der kommunistischen Abgeordneten.

Moskau, 2. — In Finnland wurde eine sogenannte Volksregierung errichtet, deren Leiter der ehemalige Führer der kommunistischen Partei Finnlands, Otto Kuuskinen, ist. Die Sowjetregierung hat diese neue finnische Staatsführung nach Pressemeldungen bereits anerkannt.

Rom, 2. — Der deutsche Botschafter von Mackensen wurde von Aussenminister Graf Ciano zur Aussprache empfangen.

Bukarest, 2. — Die rumänische Regierung hat Handelsschiffen der kriegführenden Länder das Anlaufen der Häfen und Hoheitsgewässer Rumäniens verboten, wenn diese Schiffe mit mehr als zwei 7,5-Zentimeter-Geschützen bewaffnet sind.

Washington 2. — Präsident Roosevelt und seine vertrauten Kreise sind angesichts der russisch-finnischen Feindseligkeiten sehr verstimmt. Man spricht sogar von einem Verbot der Waffenausfuhr nach Sowjetrussland. Ein Telegramm Roosevelts, von der Bombardierung offener Städte abzusehen, wurde von Aussenkommissar Molotow mit der Feststellung beantwortet, dass sowjetrussische Flugzeuge nirgends eine Stadt bombardiert hätten und dass die 8000 km entfernten USA gewisse Einzelheiten des Konflikts nicht so genau beurteilen könnten.

Berlin, 3. — Generalfeldmarschall Göring hat als Vorsitzender des Ministerrats für die Reichsverteidigung dem Chef der Privatkanzlei des Führers, Reichsleiter Bouhler, den Auftrag erteilt, alle bei ihm eingehenden Hinweise und Beschwerden einzelner Volksgenossen zu prüfen und nötigenfalls unterstützend einzugreifen. Jeder Deutsche kann somit sicher sein, dass berechtigten Beschwerden und Wünschen über Massnahmen der Kriegswirtschaft sofort nachgegangen und ihm mit Rat und Tat geholfen wird.

Berlin, 3. — Nach Mitteilung der Deutschen Lufthansa werden alle von Deutschland nach dem Ausland führenden Flugverkehrslinien im Norden, Osten Südosten und Süden Europas ihren vollen Betrieb aufrechterhalten.

Berlin, 3. — Grosse Beachtung wird einem Artikel der italienischen Zeitung „Il Resto del Carlino" geschenkt, welche betont, dass die britischen Kreuzfahrer, die für die Menschheit und die Zivilisation zu kämpfen behaupten, in Wirklichkeit ganz schwarzen Verrat übten. So hätten sie auch die Finnländer mit falschen Einflüsterungen getäuscht und den Konflikt dieses Landes mit Russland heraufbeschworen.

Pressburg, 3. — In der östlichen Slowakei wurden mehrere Personen verhaftet, die im Auftrage des englischen Geheimdienstes durch Verbreitung alarmierender Gerüchte Unruhe in die Bevölkerung zu tragen versucht hatten.

Genf, 3. — Auf Ersuchen Finnlands wurde der Völkerbundsrat auf den 9. Dezember und die Vollsitzung auf den 11. Dezember einberufen, damit der finnisch-russisehe Konflikt behandelt werden soll. — Aus Stockholm wird gemeldet, dass Russland in den nächsten Tagen aus dem Völkerbund austreten werde.

Kapstadt, 4. — Der deutsche Fahrgastdampfer „Watussi" wurde auf der Höhe des Kap der Guten Hoffnung von der eigenen Mannschaft versenkt, als südafrikanische Bombenflugzeuge vom Kapitän das Anlaufen des Hafens Simonstown forderten.

Riga, 4. — Der Kampf zwischen Russen und Finnländern an der Mannerheim-Linie wird nach hier eingetroffenen Meldungen auf beiden Seiten mit Erbitterung fortgesetzt. Man rechnet mit einem russischen Grossangriff, falls die Verhandlungen mit der neuen Volksregierung nicht zu einem Waffenstillstand führen sollten.

Brüssel, 4. — Im französischen Amtsblatt wird bestimmt, dass alle in Frankreich wohnenden tschechischen Staatsbürger genau so zum Heeresdienst verpflichtet sind wie die Franzosen selbst. Demselben Zwang sind bekanntlich auch die Polen in Frankreich unterworfen.

Amsterdam, 4. — Der 10.000 Tonnen grosse britische Dampfer „Doric Star" der mit Speck und Schmalz von Australien nach England unterwegs war, wurde von einem deutschen Kriegsschiff im Südatlantik versenkt.

Kopenhagen, 4. — Ein deutsches Vorpostenboot ist südlich der Insel Langeland auf eine Miene gestossen und ist in vier Minuten gesunken. Der grösste Teil der Besatzung fand den Tod.

München, 4. — Reichsorganisationsleiter Dr. Ley hat sich auf Einladung der italienischen Regierung zu einem mehrtägigen Besuch nach Rom begeben.

Helsinki, 4. — Die Finnländer haben die Aalandsinseln militärisch besetzt. Damit ist das internationale Abkommen bezüglich der Entmilitarisierung dieser Inselgruppe hinfällig geworden.

Berlin, 4. — Der Führer übermittelte dem spanischen Staatschef General Franco zu dessen 47. Geburtstag telegraphisch seine Glückwünsche.

Bukarest, 4. — Auf dem Eisenbahnwege ist über ehemals polnisches und heute russisches Gebiet der erste Warentransport aus Rumänien in Deutschland eingetroffen.

Berlin, 5. — Die deutsche Presse nimmt in sehr unmissverständlichen Artikeln gegen den derzeitigen schwedischen Aussenminister Sandler Stellung, dessen übertrieben englandfreundliche Haltung auch zum russisch-finnischen Konflikt keineswegs in günstigem Sinne beigetragen haben soll.

Newyork, 5. — In der Newyorker Staatszeitung werden die ersten Bildberichte von einem britischen Postdiebstahl auf dem amerikanischen Dampfer „Exeter" veröffentlicht der am 7. November in Gibraltar von den Briten durchsucht und um 220 Postsäcke erleichtert wurde.

München, 5. — Die beim Mordanschlag auf den Führer Verletzten befinden sich in hiesigen Krankenhäusern alle auf dem Wege der Besserung. Die meisten werden bis Weihnachten zu ihren Familien entlassen werden können.

Moskau, 5. — Die Waffenhandlungen zwischen Russen und Finnen dauern fort, obgleich der nordische Winter bereits ins Land gezogen ist. Von amtlicher russischer Seite werden die im Ausland verbreiteten Nachrichten über gewaltige Verluste der Sowjettruppen als reine Erfindungen bezeichnet.

Newyork, 5. — Die Goldbestände der Vereinigten Staaten sind in den ersten drei europäischen Kriegsmonaten um weitere 702 Millionen Dollar auf die Rekordziffer von 17.347 Millionen Dollar gestiegen. Man erklärt, dass die Goldeinfuhr in die USA, die über zwei Drittel der gesamten Goldvorräte der Welt verfügen, mit den Käufen des amerikanischen Schatzamtes nichts zu tun habe.

Amsterdam. 5. — England zählt gegenwärtig 1,5 Millionen Arbeitslose. das sind ca. 200.000 mehr als bei Ausbruch des Krieges.

Berlin, 6. — Generalfeldmarschall von Mackensen feiert seinen 90. Geburtstag.

Newyork, 6. — Ein sanfter Protest der USA-Regierung gegen die Beschlagnahme deutscher Waren auf neutralen Schiffen durch England und Frankreich wird hier angekündigt. In Handelskreisen verlautet allerdings, dass gewisse Stellen des Handelsdepartements in diesem Protest eine leichte Warnung an England sehen wollen, welches sich auf Kosten der blockierten deutschen Ausfuhr nach Südamerika der dortigen Märkte bemächtigen möchte.

Extra Fino

Rua das Palmeiras 274

Tel. 5-4429

Weihnachten steht vor der Tür!
Besuchen Sie unsere Weihnachts-Ausstellung und wählen Sie

Geschenkartikel und Spielwaren

zu erfreulich niedrigen Preisen aus dem reichhaltigen Sortiment der

CASA LEMCKE

SÃO PAULO — Rua Libero Badaró 303
— SANTOS — Rua João Pessôa 45-47 —